

CACOFFATOS

**Marco Antônio
Mendana Matrone
(desde 2013)**

2

João Vitor Campos dos Reis

Prefácio

O Campus Bauru da Unesp possui como representação discente, na FAAC, o Diretório Acadêmico ‘Di Cavalcanti’ (DADICA) — em reverência a Emiliano Augusto Cavalcanti de Paula Albuquerque e Melo (1897-1976), idealizador e organizador da Semana de Arte Moderna de 1922. A entidade que tinha como membro o professor Fábio Negrão, na época graduando do curso de comunicação visual (uma raiz do que é o curso de Design hoje) já se articulava na criação de um grupo de teatro chamado *Mamulengo*, que atuava no auditório da Fundação Educacional de Bauru (FEB), na Vila Falcão — atualmente a Diretoria de Ensino de Bauru — com a peça *A Casa de Bernarda Alba*, do espanhol Federico Garcia Lorca. Era um contexto pouco anterior a abertura política (1979), quando foram legalizados os DA como representação nas unidades de ensino de uma respectiva universidade — estando acima destas o Diretório Central dos Estudantes. A UNE, que desde o clandestino XXX congresso de Ibiúna em 1968 não atuava, tornou organizar seu XXXI congresso neste ano e retornou às atividades.

O DADICA durou bastante como o carro-chefe de mobilização e articulação, passando pela Universidade de Bauru (UB), mais quase duas décadas desde o encampamento pela Unesp, em 1988, incentivando inclusive a organização dos estudantes por curso. Quando esteve em baixa, especialmente na inatividade entre fins de 2007 e 2011, seus quatro Centros Acadêmicos passaram a fazer presença: o Centro Acadêmico de Comunicação Social ‘Florestan Fernandes’ (CACOFF), inspirado em... Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo, deputado federal constituinte e militante na luta por um ensino democrático, representando os graduandos de comunicação (Jornalismo, Radialismo e Relações Públicas) desde a unificação realizada no final de 1996; o Centro Acadêmico ‘Flávio de Carvalho’ (CAFCa), que mira a influência multifacetada de Flávio Rezende de Carvalho, engenheiro, cenógrafo, teatrólogo, pintor, desenhista, escritor, filósofo, músico, quase prêmio Nobel que resolveu causar andando de saias no centro de São Paulo capital em 1956 e, obviamente, arquiteto, representando os estudiosos da finíssima Arquitetura; o Centro Acadêmico de Design da Unesp (CADUnesp), do criativíssimo curso de Design e suas criações gráficas e de produto; o Centro acadêmico de Artes Visuais (CAAV — que há poucos anos era chamado de ‘Centro Acadêmico de Artes da Unesp, CAARTUN, quando a graduação era em educação artística), do curso de Artes Visuais.

Andando entre os estudantes da FEB, temos o Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia (DAFAE), até 1999 chamado de DAFET, por conta do antigo acrônimo para a Faculdade de Engenharia e Tecnologia, e entre 1967 e 1990, período da Fundação e da UB, Diretório Acadêmico ‘Prestes Maia’, (DAPREM), referente a Francisco Prestes Maia (1896-1965), engenheiro civil, arquiteto e duas vezes prefeito da cidade de São Paulo, expoente dos projetos de expansão da infraestrutura do modal rodoviário da metrópole. Tidei de Lima, que foi deputado estadual e um dos principais articuladores da estadualização pela Unesp em 1988 já foi presidente da entidade. Distante da disputa política de esquerdas, fazendo presença pontual, mas com pragmática e organização fortes, com CNPJ e sempre mantendo gestões, sendo uma entidade-empresa. Já houve algumas articulações para organização de chapas de Centros Acadêmicos relacionados cada uma das engenharias, como o CAEE (Engenharia Elétrica), mas pouco progresso houve para a instituição destas entidades.

Na FC, a ψ com seu Centro Acadêmico (CAPSI), também fundado em 1996, sempre foi presente como um carro-chefe que também permeia predominantemente as chapas formadas no Diretório Acadêmico ‘César Lattes’ (DACEL), que por sua vez reverência Cesare Mansueto Giulio Lattes (1924-2005), físico brasileiro co-descobridor do méson- π , ou pión, fundamental para o avanço da física atômica, e razão do prêmio Nobel de Física de 1956, concedido a Cecil Frank Powell. Lattes foi uma das principais personalidades envolvidas na criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que consequentemente batizou com o seu nome a plataforma curricular para cadastrar a produção acadêmica do estudante, do pesquisador, do cientista, desde o calouro até o mais velho decano. Por outro lado é quem mostra bastante qualidade na agregação de suas bases e organização de eventos acadêmicos. É quem melhor põe em prática o papel de uma entidade estudantil, equilibrando pautas políticas e acadêmicas. A Psicologia inclusive se apresenta como a única graduação que nos últimos anos teve mais de uma chapa candidata para suas eleições — coisa que tende a acontecer quando não ocorre de ser o curso que permeia unicamente as chapas do DACEL. Os CA dos demais nove cursos, quando ativos, preenchem o DA, e retiram o peso excessivo de trabalho dos psicólogos em desenvolvimento. Indo e vindo, os CA de Computação e Sistemas de Informação ‘Ada King’ (CAADA, antigamente CAComp), Ciências Biológicas (CABio), Educação Física (CAEF), Física (CAFis — que já tentou articular com a recente graduação em Meteorologia um CA conjunto, o ‘Carl Sagan’), Matemática (CAMA), Pedagogia (Centro Acadêmico ‘Paulo Freire’, que dispensa apresentações políticas), Química (CAQui ‘Marie Curie’).

É viável dizer a relação de entidades tem um grau definido de organização, envolvimento, conforme a lógica de cada uma delas. Se expandirmos a configuração das entidades e incluirmos a Atlética, empresas juniores, projetos de extensão e pesquisa temos um complexo, dentro da organização institucional, que precisa se envolver como espaço comum e qualificar os debates sobre os rumos da universidade. Apesar de parecer se aprofundar numa disputa político-ideológica infrutífera na verdade o espaço comum envolve a base estudantil. Em domínios relativamente bem menores que a cidade universitária da USP ou Unicamp, a Unesp Bauru com certeza deve ter no Conselho de Entidades Estudantis e no Conselho de Estudantes (respectivamente CEEUB e CEUB) o estudante deve perceber a sua “cidadania universitária”, a noção de envolvimento institucional, e não só entre estudantes.

O mesmo deve se esperar dos Conselhos no movimento entre os campi unespianos, caso do CEEU e CEU (até 2013 uma articulação conjunta com as Fatecs), na articulação pela organização do *há muito tempo inativa* entidade máxima do corpo discente, o Diretório Central dos Estudantes ‘Helenira Rezende’ (DCE-HR). Helenira Rezende de Souza Nazareth (1944-1972) foi militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e ex-vice-presidente da UNE, negra, filha de baianos e atuante no interior paulista (cidade de Assis) e na capital, foi à Guerrilha do Araguaia e, metralhada nas pernas por fuzileiros navais após um tiroteio foi torturada e morta pelo regime ditatorial.

Há, também, a articulação específica de cada curso, em suas demandas que envolvem questões da atuação profissional e bandeiras políticas que congreguem cada categoria de estudantes. É o caso das Executivas ou Federações Nacionais Estudantis, como ocorre com a Comunicação Social (ENECOS), Arquitetura (FENEA), Biologia (ENEBio), Direito (FENED), entre muitas outras.

Há de se perceber nesta edição que as disputas políticas e as formas de organização: se é piramidal, onde há relação vertical, de afunilamento da participação, de cima pra baixo

ou de baixo pra cima, onde há influência das culturas dominantes, numa estruturação similar a da riqueza e poder; ou horizontal, estrutura em rede, onde não há um “chefe”, e sim uma interligação entre iguais em busca do interesse social. Não necessariamente pondo-as em conflito, o mais importante é entender a dinâmica de ambas, entrosando os discentes em uma substância do saber que seja formada pelo vínculo institucional, político e profissional.

O autor

Resumo

A segunda edição de Cacoffatos tratará um pouco do meu segundo ano de graduação na faculdade de Jornalismo da FAAC/Unesp Bauru. Em conjunto, o depoimento do então formando na graduação em Relações Públicas, turma de 2013, Marco Antônio Matrone.

Seu início de graduação encarou a greve estudantil de 2013 na Unesp, que teve como principal razão o severamente criticado Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Paulista (PIMESP), lançado pelo Governador Geraldo Alckmin juntamente ao Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (CRUESP), que reúne os líderes máximos de USP, Unesp e Unicamp. O programa previa a criação do Instituto Comunitário de Ensino Superior (ICES), em parceria com a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), considerado, no aspecto do objetivo da implantação de cotas raciais, excludente e omissivo, quando o papel seu papel legal é a promoção da inclusão e do reparo histórico da questão racial no Brasil. Os Conselhos Universitários — órgãos máximos de deliberação destas instituições — de USP e Unicamp votaram contrariamente ao projeto. Mas o da Unesp...

**Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso,
Jogando meu corpo no mundo,
Andando por todos os cantos (...)**

Assis Valente, Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Dadi Carvalho, Pepeu Gomes, Jorginho Gomes, Baby Consuelo. 'Acabou Chorare'. Som Livre, 1972 e Polysom, 2011. LP, K7, CD e DD.



Tive que correr pra pegar o último busão correndo no Shopping Internacional de Guarulhos. Na viagem, vi que voltavam do trabalho os funcionários de diversas lojas e restaurantes *fast-food*. Bem humorados e contando piadas para todos ouvirem, homens e mulheres.

Cheguei em casa e tratei de dormir bem, arrumar as malas e partir em viagem até o encontro do carona em alguma estação de metrô. Nada dispensa o conforto e a soneca de uma viagem de ônibus turismo mas o custo-benefício de pagar um pouco mais de 50% do preço de uma viagem no Expresso de Prata numa carona faz ganhar tempo em uma viagem que é no mínimo meia hora mais rápida que o curso com desvios e paradas dos ônibus.

Para além desse argumento, existe um problema chato, pra não dizer o que outros colegas de faculdade chamam de escroto, absurdo, que era a burocracia para proceder com o pedido de meia passagem para estudantes. Muitas cópias de documentos reconhecidas em cartório são necessárias. Não estranharia se dissessem que é tão trabalhoso quanto fazer um B.O. na polícia.

O Grupo Prata é de propriedade da família Franciscato. Em 1927 o patriarca, Angelo Franciscato, teve êxito no negócio dos transportes a partir das antigas jardineiras (um ônibus com parte frontal similar a de um caminhão). Um de seus quatro filhos, Paulo Alcides Franciscato¹, recebeu, além do conhecimento paterno, educação nas melhores escolas, inclusive se formando na ESALQ.

Em 1955, Alcides assume a diretoria da empresa; em 1967, já durante a ditadura civil-militar, funda o cinquentenário Jornal da Cidade; com apoio de representantes de classe e da militância da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido de apoio ao regime, elege-se prefeito de Bauru em 1968 e consolidou, no ano seguinte, o Distrito Industrial no município, além de ganhar aproximação com o General João Batista Figueiredo, comandante da Força Pública de São Paulo² na época — aliás, a mudança para a nomenclatura de Força Pública à PM de São Paulo voltou a ser de interesse em PEC do governador José Serra em 2010³, com finalidade de trazer avanço aos Direitos Humanos, porém este é um nome que enfrenta equívocos históricos⁴.

Em 1974 foi eleito deputado federal por São Paulo; em 1976 (ano de fundação da Unesp — Bauru ainda era a FEB), foi cabo eleitoral ao se candidatar a vice-prefeitura de Bauru, cuja eleição foi vencida por Osvaldo Sbeghen, que exerceu posteriormente mandatos de deputado estadual e foi membro de comissões da Constituinte de 1988; Em 1978, nas tensões da abertura política, apoiou a candidatura indireta de Figueiredo à presidência. Na comissão de propaganda do pleito denunciou o apoio eleitoral Luís Carlos Prestes, então secretário geral do Partido Comunista Brasileiro (PCB), à candidatura de oposição do Movimento Democrático Brasileiro. Para além disto reelegeu-se deputado; com a extinção do bipartidarismo.

Em 1979, Alcides filiou-se ao Partido Democrático Social (PDS), inclusive sendo seu vice-líder na câmara, em 1980 e 1981; em 1982 conseguiu a terceira reeleição; Espécie de porta-voz de Figueiredo, em 1984 esteve em comitiva com o presidente no Marrocos e Espanha, e ao declarar extraoficialmente que se “estivesse no Brasil teria sido o milionésimo primeiro” a participar do comício das oposições na campanha em apoio popular à emenda Dante de Oliveira — aquela a favor das eleições diretas, mas que não passou — o que prejudicou sua imagem dentro de sua agremiação, favorável à eleição indireta; mas longe de aparentar em seu ato uma grande tolice, era afinal de contas, parte da Frente Liberal, corrente que mais tarde formaria o Partido da Frente Liberal (PFL), tanto que a proximidade

com Figueiredo, seu amigo pessoal, mesmo desagradada, manteve-se inabalada; no dia da votação da emenda não aprovada, para além das obstruções, não compareceu.

Sua última e frustrada candidatura foi em 1986 pelo PFL; daí em diante deixou as disputas políticas. Tais Liberais eram uma dissidência que se tornaria, mais tarde, em 2007, no Democratas (DEM). O que sobrou dos PDS se dissociou e associou noutros partidos, tornando-se o Partido Progressista (PP) a partir de 2003.

Alcides foi, enquanto deputado, ativo em comissões de transportes, indústria, amparo ao menor abandonado e apurador de casos de corrupção direta e indireta do Estado ditatorial.

Além do Grupo Prata (Expresso de Prata Ltda., Prata-Cargas Ltda. e Prata Rent a Car Locação de Veículos Ltda.) os Franciscato são donos do Grupo da Cidade, sócios e proprietários do Jornal da Cidade e da rádio 96 FM, emissora fundada em 1980. Para efeito de influência, posso dizer que o poder político da região de Bauru convive com o crivo midiático desta família, a qual Alcides foi representante parlamentar enquanto proprietário de empresas de transporte e meios radiodifusores de comunicação impressa e auditiva.

Assim como transcrevi os últimos parágrafos poderia transcrever milhares de pensamentos que uma viagem de quatro horas normalmente permite. A grande facilidade das caronas em relação à rodoviária é para muitos casos, dependendo de onde se mora, a possibilidade ser deixado próximo ou até no portão de casa, podendo pular a necessidade de um taxi, Uber ou uma espera interminável por um ônibus municipal — isso quando não se chega à cidade entre 23h e 6h, quando circulam somente as cinco linhas noturnas — a linha noturna 3 é a única que passa pela Unesp.

• • •

Duas coisas que foram sublimadas na minha mente após um ano de faculdade foram o gosto por videogame e, ao mesmo tempo, o conforto que existia na minha realidade sem ainda ter conhecido o centro-oeste paulista — conhecido pelo povo da região metropolitana como interior. Mesmo a região administrativa do Vale do Paraíba, onde passei um tempo na UNIFESP de São José dos Campos — também conhecida pelo povo da capital como interior — era de uma cultura de raiz menos “caipiresca”, ou posso dizer, de forma menos estereotipada, diferente, um entroncamento entre o Sul de MG ao norte, o RJ a leste e o núcleo da Pauliceia a oeste.

Falando primeiro sobre o conforto, Ele não era mais o adjetivo a ser dado em relação à cidade onde vivi apesar de ter os pais apoiando, garantindo a comida e a bebida, a louça limpa, condições para manter as coisas no lugar, organizadas. Apesar de todo um processo de independência e maturidade que envolve não só a si mesmo como às pessoas em sua volta, com suas diferenças de costume, de ideias e por vezes até de geração — o que era meu caso — Guarulhos me parecia naquele instante um caso de caos urbano-industrial em estágio avançado, estando poluída, isolada, capturada por um estigma social que estava fora de meu alcance, restando somente à esperança advinda de um progresso econômico e político com o rótulo de gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) tanto a nível municipal quanto federal.

Só sentia, porém, que não havia o lugar para praticar o conhecimento jornalístico — o que em certo nível era um tremendo engano.

Quanto aos videogames não sentia mais o desejo de me dedicar a jogar uma produção, por mais simplória que fosse. Aliás, minha vontade mesmo era jogar as mais complexas, que me dessem um roteiro estimulante e me fizesse esmiuçar uma história. Mas não, deixava de lado a condição tipicamente estereotipada de viciado. Já percebia que o jogador desta década em relação àquele que começou a jogar até a era dos 16 bit (ou quarta geração dos videogames) até deve estranhar a ideia de que um jogo vicia, tal como uma droga. Não considero válido esse conceito, mas por outro lado levo em conta a influência social no entorno da vida do jogador, seja, por exemplo, por causa da simulação de violência brutal ou do uso de armas de fogo presentes nos jogos, seja pela probabilidade de isolamento social que pode ocorrer — o que foi o meu caso. Mas isso depende muito mais de como é a qualidade de vida da pessoa. Inegavelmente a ideia de vício se tornou uma indústria bilionária, com produções roteirizadas tal como um filme, envolvendo diversos tipos de profissionais e já é até aproveitado como um esporte. Jogadores de videogame já estão se tornando e-atletas, participando de competições internacionais em toda categoria de jogo, valendo prêmios gigantescos. No campus, colegas como o Goiaba, o Ivan e o Zord, de BCC, além dos habilidosos designers, estavam organizados em um grupo de estudo voltado aos jogos. O Lennon, veterano de jornalismo e estudante aplicado organizava através da Radio Unesp Virtual um programa sobre jogos chamado Comando Login. Outras Veteranas de jornalismo se reuniram para formar um blog de games, e cultura *geek* formado apenas por mulheres, o Garotas Geeks. Por fim, era uma infinidade de coisas que me permitiu olhar em *gamers* natos uma diversidade de saberes que não se resume a um joystick, um console e uma mídia pra rodar, e isso culminou na Campus Party de 2012, ou “#CPBr05, que foi o ápice de tal sublimação.

Em resumo, morar numa região periférica de uma cidade conurbada da Grande São Paulo e sem facilidade de acessos à qualidade de vida — talvez valha o mesmo ao dizer sobre uma cidade pequena e monótona distante de um centro regional do interior paulista — me tornou entediado. Minha vontade era de migrar com menos frequência entre Bauru e o Pimentas. Era como migrar de uma gaiola para um mundo de possibilidades⁵, deixar a vida caseira e explorar cara janelinha de um prédio, descobrir onde há ar puro, entender como era a razão de ser de cada arte visual e arquitetônica.

Pisei de volta na Risca, e desinformado de como estava a agregação dos calouros só sabia da saída do Buba de casa, mesmo ainda não tendo se graduado e à trabalho em Sampa. O Mustá, junto comigo e o Miguelito, tocamos a tarefa de deixar a casa organizada para receber os jovens que estavam pra chegar, de louça abandonada com bigato até mato crescido na garagem. Enfim, arrumação de zona.

O três eram o Xote, da turma dos cinéfilos e analista político de roda de breja, o Beto, uma abreviatura do erudito apelido de Beethoven, que tem como essência a música clássica em seu violão, e mais tarde o BB, que curte com evidência o *Jazz and Blues*.

O leitor fora do contexto pode até se perguntar por que tantos apelidos. Digo que deve haver alguma oscilação de tempos em tempos e varia de curso pra curso, entre os campi universitários etc. Há até casos de família de apelidos, que atravessam até uns 4 ou 5 anos, um sendo bixo ou bixete de outro. Pra o caso da Play, tivemos stop, pause, rec, fast... os botões funcionais de gravação audiovisual, um “algo a ver” com o radialismo. Com o Pixe, que já era mais velho na faculdade e passou a morar na Risca no meu ano de calouro, houve

no ano seguinte o Graxa, no seguinte o Carvão, e parou no Grafite, aplicadíssimo no jornalismo esportivo e por boa parte do tempo agregado da Risca.

Falando no Pixe, o mesmo começou — em algum rolê rumo aos bares da Duque de Caxias — a aplicar variantes de sufixo no apelido, junto com o Batata:

— Ninjutsu! — dizia um.

— Ninjato! — dizia o outro.

— Ninjola!

— Ninjoleta!...

O Pixão voltara da Argentina no ano anterior com o Miau, parceiro de mesmo ano, turma de 2009. Acho que isso explicaria o sufixo de caráter hispânico deste último caso. Um desenvolvia *dreadlocks* e era de humor positivo e tranquilo noventa e cinco por cento do tempo — o percentual restante de casos de mau humor não davam a aparência de raiva. Benévola pessoa!

— E o Miau, como a gente podia chamar?

— Miauzito!

O Miau era pessoa mais ordeira, agressiva às vezes — isso no bom sentido. Explosivo por assim dizer, quase sempre de um jeito um tanto caricato. Mas é uma pessoa com aquele espírito indignado, com pro-atividade para mobilizações sociais de largo alcance, pegada bem maior que de causas universitárias — uma energia mais coerente por sinal. Morou na Risca no início de faculdade, deixando a casa por um tempo, mas havia voltado no ano que entrei, dividindo o quarto com o Pixera.

Por ora, se havia uma mania comum em casa era a de jogar algum sufixo no nome de todo mundo. Os mais comuns eram ‘zera’ ou ‘-era’. Bubão costumava chamar Miau e Pixe de ‘Pixau’ para se referir diretamente a ambos.

Outro parceiro destes dois era o Abadá, que morava na Vaticano, que ficava perto da Paróquia da USC, que tinha missas realizadas por um padre completamente fora do normal que fora excomungado da igreja católica⁶ e festas como o Baile Jamaicano, que possuía como atrações o cartaz com ilustração inusitada do Papa Bento XVI e tulipas imensas. Abadá era um cara tão estressado e militante quanto gente boa e transcendental, carregado de leituras que variavam desde Os Carbonários de Alfredo Sirkis até o Universo Racional, de autoria do mundo racional do racional superior. Através disso, muito saber com a cena do hip-hop da cidade — caso do Tigor, Renato Magú, Dom Black e o já famoso na cidade de Bauru, o Coruja BC1. Era figura de humor canastrão, mas só superficialmente.

— Sabe o que é isso aqui? — perguntava com um tom de discórdia, esfregando dois dedos sobre a pelugem do antebraço, no sentido oposto ao dos pelos.

— Racismo?

— Muito *pelo* contrário — respondia já cascando o bico, antes que eu — assim como muitos de seus interlocutores — pudesse completar o raciocínio, e pronto pra explicitar seus argumentos.

Em 2012, Miau tinha feito uma viagem para participar do EIV, um projeto de formação política com diversos movimentos sociais, especialmente os campestres e Centros Acadêmicos de diversas universidades. Chegou com os poucos pelos que têm crescidos no rosto, contando como era o processo de formação. Já fazia um ano que o conhecia e ele estava com as características que conhecia redobradas.

Enfim, até o início do segundo ano de faculdade era tudo cômico, libertador, frenético, estressante, aliviante, em simultâneos ciclos de tempos diferentes. Sentia que não

era questão de levar a vida sob um modo de ser, como a maioria das pessoas pensa, presas a um ponto de vista. Era uma sensação que agradava, pois não dependia da idade de alguém como eu, virando os 26 anos, que atrasou os estudos em busca de uma escolha ideal e uma educação justa.

Mas o que acontecera afinal, que não fosse culpa do álcool, que não consumia antes de entrar na universidade, que não fosse a troca de energia com as pessoas que me descobriram e com quem interagiu, com quem me apaixonava — paixão platônica de entrega — e com quem construí sonhos impossíveis e desejos incompreendidos? No primeiro ano de faculdade havia pessoas que enxerguei com certa idolatria; outras, com amor fraternal, como irmãozinhos mais novos bem mantido até hoje aqui no meu lugar, cuidando de minha vida, mas que oscilou para o sentimento de poliamorismo que trouxe turbulências duradouras durante minha graduação; outras já criaram julgamentos no mínimo suspeitos sobre minha pessoa. Houve o *gravis error* da minha parte, mas sofri do estigma a ponto de me sentir criminalizado; inclusive, certo estudante psicopata de costas quentes da pós usou deste estigma de tal forma que merece o processo jurídico por *crimen blasphemiae*.

São tantas situações... não obstante me arrependi naquilo em que errei, por mais que a fachada de orgulho permanecesse, e poucas pessoas se dessem conta disso. Ora, há quem tome a camomila do desapego; outros fumam uma tora diariamente; outros vivem de fofoca e picuinha; e há infelizes que só enxergam tons de pele, classe social e bens materiais. Se tiver que usar nomes, no máximo que se subentenda para além desta leitura através de sua revolucionária (ou não) vivência universitária. Por enquanto não digo nenhum.



Cheguei no domingo. A Risca já não era aquela casa tão movimentada, *pop*, referência no movimento estudantil ou coisa que seja, mas havia notado uma recuperação. Da galera com quem morei, o BB era o último a sair. Ali já estava uma terceira geração de moradores: o Jhony (com um 'n' mesmo), O Broa, o PJ e o Nebu, que vinham da República Sete-Pele (uma refundação de república de jornal formada por agregados da Risca em 2013 no lugar da RePiegas, república de Radialismo onde morou a Play); O Dauto, de 2015, o Caique e o Ivan, de 2016.

O quadro lá na sala é uma das poucas marcas permanentes da casa, estava com a tinta descascando, avariado. Tentei várias vezes deixá-lo firme na parede, mas caiu diversas vezes, principalmente em Bregiscas (uma tradicional festa da Risca) onde acabávamos deixando o quadro na sala por capricho ou esquecimento. Chegou a desprender da moldura, quase ser deixado de lado. Já havia martelado de volta na moldura, tornou a cair e desprender várias e várias vezes.

Na parede estavam uma foto do Batata, que tinha vazado da casa pela terceira vez, ainda criança, e um terço feito de bijuterias azuis pendurado num dos pregos que fazem suporte ao quadro, que por sua vez esteve, em uma das tentativas de fixação, com uma corda de varal amarrada nas dobras dos pregos envoltos com adesivos de caderno para maior aderência, atravessados na moldura e dobrados sobre seu verso. Uns meses antes tentei

“colar” o quadro sem a moldura (a pintura fica sobre uma placa de madeira, dessas compensadas de traseira de estante) com fita banana. Em vão.

Nele, havia a imagem de uma pessoa, aparentemente mulher, ou uma pessoa de característica andrógina, com uma expressão de medo, com cabelo rareando, envolto a sarapintadas verdes e roxas lembrando uma tremenda chuva, além de um inseto, supostamente uma barata ou um escaravelho, em forma de stencil. No alto há o nome ‘Risca-Faca’. No canto inferior direito, a assinatura com o nome ‘Pedro’— aquele incomprovado nome.

Decidi procurar por um perfil diferente de militância. É comum na universidade pública haver aqueles ou aquelas que contribuem para o movimento estudantil pontualmente — indo religiosamente a uma assembleia, ou contribuindo com algum apoio técnico ou estético em um ato — por ser ocupado em outras tarefas que pedem por sua saúde e sobrevivência (não há radicalismo que resista a um processo de depressão) e não tendo o conforto social para a manutenção no espaço social da universidade — vulgo “bolha”, por sofrerem latentemente alguma violência simbólica ou segregação. Há quem, por outro lado, não tema tais conflitos apesar disso e frequenta o máximo de espaços muito intensamente: república, projeto de extensão, festa, ato, greve, CA, Atlética, Bateria...

Era o caso do Marco, que alguns chamavam Ramela, e outros, Cocô.

Na segunda-feira acordei cedo para a entrevista e fui a pé. Antes tinha uma parada em um consultório dentário na Capitão Gomes Duarte, só a uma quadra da Getúlio Vargas. O Sol da manhã já incomoda para uma caminhada dessas, que dura em torno de meia-hora. Deparo pela enésima vez com um casarão com fachada em tijolos, um portão branco até tradicional, daqueles com lanças, coisa rara de se ver.

via sorriso

A Pitu, pessoa com quem tive relacionamento entre 2014 e 2015, que me indicou esse consultório. Era particular, com diplomados da FOB. Ele foi aberto em um local que já foi uma república que não cheguei a conhecer, chamada Sassanid. Soube dela apenas pelo tamanho (descobri isso no consultório, em uma das salas tem um vitral onde se via até um bonito jardim de inverno) e pelo fato de que lá morou, entre muitos moradores — afinal quanto maior a casa mais moradores para que caiba no bolso o pagamento do aluguel — o Costa, um comum frequentador da Risca e que foi da turma de 2009, de Pixe, Miauzito e Abadá.

Minutos antes de fazer a consulta tive que fazer uma radiografia panorâmica recomendada pelo dentista. Deixei os resultados e diagnósticos com ele, mas não segui tratamento, já que os custos não estavam mais cabendo no bolso — há dois anos e meio cabia.

Enfim... de um planejamento dentário e detalhismo de viagem a pé que juro ser característica de um *flâneur*, mas preocupado com minúcias estudantis, peço ao leitor a virtude da paciência, tendo a partir disto todo o direito a avaliação. Tudo tão cansativo quanto andar longos trajetos debaixo de um Sol de 30°C — e fiz isso diversas vezes. Um costume.

Enquanto resolvia essas tarefas paralelas o Whatsapp apitava as últimas trocas de mensagens com o Marco. Uma quadra depois além da Getúlio, na altura do Aeroclube de Bauru, ficava a Cajuteria, república também das grandes, repleta de moradores. Nela moram ou moraram estudantes das Engenharias, Psicologia, Design, Relações Públicas, Jornalismo. O Coringa, que me apelidou Ninja, mora lá. Também lá mora o Jão. Ambos os moradores neste ano de 2017 aliás já cuidam de uma agência que assessora artistas e faz produção audiovisual e cultural chamada Coringa Comunicações. Fazem assessoria em show de Odair José, além de outros artistas independentes, além de serem literalmente coringas. Infelizmente eles estavam em São Paulo neste dia.

Deparei com ele no momento em que chegava em frente ao portão — de estilo parecido com o do consultório só que dourado e com uns arames farpados meio fora de lugar — com os cães Caju e Castanha acompanhados e fazendo a recepção.

— Grande Ninjoleta!

— Fala, caro Ramelov!

— A que veio sua humilde presença?

— Bem, vim no pique, de outra entrevista lá em Sampa, e agora tô colando em Bauru pra fazer duas entrevistas, começando por você. Está disponível?

— Podemos pra já! Só tenho que ajustar umas coisas aqui... Quer um copo d'água?

— Por favor! Às vezes esqueço como essa cidade é quente.

Marco estava com a urna eleitoral do CACOFF, simplória caixa de sapato com embrulhada com papel pardo e com uma fenda para inserção das cédulas, fazendo o trabalho de comissão eleitoral e cuidando de contar os votos.

— Tá um puta trabalho, praticamente fazendo tudo sozinho — comentava, falando alto, levando a caixa de um lado pra outro, procurando um lugar ideal para guardá-la.

— Foda, né? Velhos problemas. Mas vale a pena, né?

— Ah, pra manter o movimento de pé vale tudo! Não pode deixar morrer.

A Caju, assim simpaticamente chamada, é uma república masculina, com bandeiras de diversos países espalhadas — também tinha uma do Estado do Texas —, placas, com dois andares, bastante espaçosa. A rep já foi mais próxima da Risca e quase vizinha da Babilônia, mas a região vetava as festas que ali havia com bastante razão. É uma casa com rotina, propaganda e com festas planejadas, às vezes feitas em chácaras na zona rural de Bauru ou até em alguma cidade vizinha, usando até de parceria com outras repúblicas ou com patrocínios. As repúblicas de engenharia em Bauru são conhecidas pelo empreendedorismo em torno delas. Provavelmente por causa da densidade de gerações de moradores que circularam na casa há também vários videogames, e de gerações diferentes — nisso os meus olhos brilhavam.

Naquele instante em que fazia a visita havia também a empregada a cozinhar. Longe disso. Não se trata de uma exclusividade: enxergo uma prática comum de relação informal de trabalho na vida universitária. Mesmo na Risca sempre houve ao menos diarista pra manter a casa limpa. Em 2017 os moradores atuais estão tratando de manter empregada de duas a três vezes por semana para limpeza e para fazer o almoço. Num pensamento médio o ideal era manter um regime CLT, até por causa das emendas constitucionais aprovadas durante o governo Dilma, em 2013⁷, e regulamentadas em 2015⁸. Há porém, dentro do cumprimento das obrigações do empregador, o problema na garantia dos direitos trabalhistas através do burocratizado Sistema de Escrituração Fiscal Digital das Obrigações Fiscais Previdenciárias e

Trabalhistas. Simplificando, e-Social⁹ — que por sinal estava com o sítio fora do ar no momento em que pesquisava sobre ele.

Num olhar mais radical, todos nós devíamos cuidar das nossas casas sem auxílio, mas a nossa cultura, secular, não acostumou às classes médias e altas a isso...

Nos fundos da casa há espaço para churrasqueira e piscina, e ali fizemos a entrevista, numa mesa improvisada cujo tampo era um boneco de papelão tamanho real de Ronaldo Fenômeno.

Bom, Meu nome é Marco Antônio, venho de Santo André, ABC Paulista, viveiro industrial, caótico, urbano, cheio de poluição, que quer ser como São Paulo. Mas falta às vezes uma iniciativa mais cultural pra fazer com que Santo André se emancipe e entenda que é um município cheio de cultura, cheio de gente, cheio de ideias diferentes. Mas hoje é uma mini São Paulo muito poluída. E acho que esse espaço muito urbanizado, cheio de gente, de atividade, diversidade, me fez me interessar muito por comunicação. Eu tenho uma personalidade bastante comunicativa — sou bem tagarela, chato inclusive — mas me apaixonei muito por comunicação por entender esses tantos espaços em que a gente pode construir relações.

Aí eu fui fazer cursinho, saí do meu 3º ano sem saber direito o que queria, e no cursinho entendi que era isso mesmo, Comunicação Social. Só que foi só quando fui realmente me inscrever no vestibular da Unesp que eu li lá “Relações Públicas” e achei que pudesse ter muito a ver com o que eu pretendia fazer não só na faculdade como na vida inteira.

E aí cá pra Bauru. Vim pra cá, primeiro dia eu conheci a minha república antes de conhecer a Unesp, porque já tinha um camarada meu de Santo André que veio pra cá dois anos antes e me trouxe pra casa e falei “beleza, já tenho onde ficar e é pra lá que eu vou mesmo”.

E aí acabei parando inclusive numa república de Engenharia, a Cajuteria. Foi muito curioso, isso teve a ver com minha faculdade inteira, essas dicotomias que a Unesp Bauru cria entre FAAC, FEB... Isso é muito curioso, muito interessante pra eu explorar também, entender como se relacionar com diferentes públicos, como preza tanto meu curso. Vim pra Caju, o colega que me trouxe se chamava Cú, então a Caju me apelidou de Cocô. E no batizado que o curso de RP costuma fazer me apelidaram de Ramela, justamente por ser um ramelão e vir morar numa rep de Engenharia. Esses dois apelidos nada agradáveis me acompanharam por esses quatro anos e é até engraçado, porque no Movimento Estudantil eu sou o Marco. Com a galera da Caju, amigos e amigas, Cocô. E pruma galera da FAAC que não é tão ativa no movimento — a maior parte — me chama de Ramela. Inclusive esse entrevistador que me acompanha sempre me chamou de Ramela e sempre foi presente ao ME. Então sempre tive essas três personalidades que sempre fizeram parte de um Marco só.

● ● ●

Esses apelidos dão história. Percebo — não sei se somente eu — que intrinsecamente esses apelidos entram na mente de uma pessoa e se criam como se fosse um alter ego, já que

é quase como um “dialeto”, de caráter sazonal, com épocas de intensos estranhamentos e trocas de energias entre as pessoas, enquanto noutras épocas as mesmas pessoas parecem frias, de pouco diálogo, tediosas, chegando às vezes a ser um tanto xucas, assustadas, sem o mínimo interesse neste caldeirão de conceitos de vida, quase que totalmente paulista.

A primeira vez que fui até a Caju foi em decorrência dos trotes da minha recepção dos bixos em 2011. Aquela parte chata um tanto constrangedora mas tolerável naquela época. O trote do elefantinho me separou do meu chinelo direito e todos os calçados ficaram alojados lá. Fui lá buscar, na época era ainda na antiga localização, onde havia as mesmas bandeiras de diversos países, piscina etc. mas em um espaço mais modesto que o atual. Havia encontrado o Coringa novamente, que fazia insistentemente questão de que fizesse novamente a tal cama-de-gato, a qual ele respeitara meu humilde e simplório ‘não’. Passei a fazer a manobra apenas por minha liberdade de escolha.

Eram os últimos anos de trotes “maldosos” nos cursos de comunicação — nos últimos anos qualquer interpretação do que falo é uma agressão moral, defendida com razão, mas que acho um tanto egocêntrica, de demasiada salvaguarda.

Tem uma galera que nem liga ou que chegaria a estranhar qualquer excesso de solicitude dos veteranos. Na prática tudo ocorre em um processo tenso, de primeiros contatos com a vida acadêmica e em geral a noção que se tem é que devemos ser livres mas respeitando a liberdade alheia. O problema é que no ambiente universitário criam-se moralismos, relações equivocadas de poder e a criação de pesos e medidas injustos. Some-se a isso uma cultura de competitividade, que é hegemônica no mundo em que vivemos. Se por um lado não se ponderam as ações, o mesmo deveria valer em relação às reações.

Por outro lado, há velhas práticas que inevitavelmente devem ser superadas, falta pra cartão vermelho. Entre as atividades incômodas que passei, havia o doloroso elefantinho: peço para que nunca mais os universitários tirem o pé direito do calçado dos calouros e os faça passar sua mão direita por entre as pernas de uma pessoa à frente, e a mão esquerda posta entre as suas pernas de forma a alcançar a mão direita de quem está atrás, para assim todos andarem em fila, curvados, ora, como elefantes, entrelaçando rabos e trombas. Na prática você fica andando torto e de cara com a bunda de alguém. Já aproveito e peço também para que se coíba qualquer ato violento, forçado, constrangedor. Aquele que perceber, intervenha da melhor forma. Os avisos antecipados que estão presentes em toda festa universitária antecipam e regulam tudo em prol de um ambiente confortável.

Quem erra cumpre sua pena social, mas já dizia Foucault: “As leis não são feitas para impedir tal ou qual comportamento, mas para diferenciar as maneiras de contornar a própria lei” — ainda mais em nichos como é a universidade pública.

O pessoal das Relações Públicas manteve uma tradição, a do uso de um babador onde fica inscrito o apelido que recebe até a RPinga, festa de libertação. Quase todos que conheci e fazem RP nunca viram problemas graves em relação a isso, mesmo o Marco.

• • •

— Ops!

Um leve estrondo. Meu cotovelo estava apoiado no tampo improvisado, muito no canto, que tombou de leve. Marco seguiu falando.

Acredito que apesar de ambientes diferentes sempre fui a mesma pessoa aqui em Bauru. Acho que esses quatro anos foram transformadores pruma pessoa que teve uma

criação muito privilegiada abrir a cabeça e entender onde tenho culpa e responsabilidade nas desigualdades que o mundo carrega.

Executivas, conselhos e congressos estudantis

Aprendi muito sobre política mas ainda tenho muito que aprender. Participei bastante de projetos que eu quis me envolver, cursinhos populares, onde eu pude ter o prazer de dar aula, CACOFF, agora faço parte do DADICA, fiz parte de uma comissão organizadora de um evento regional — na verdade nacional — em que a gente recebeu gente desde Fortaleza até Porto Alegre. Então foi muito massa receber mais de 300 pessoas aqui em Bauru e propor uma programação que tinha muito a ver com o que a gente acreditava, sobre RP, esse foi o ERERP 2016, uma das experiências mais fantásticas de toda minha vida, fora a sala de aula. No começo era muito mais crítico ao conteúdo da minha grade horária, mas hoje sem dúvidas agradeço bastante. Várias disciplinas, contextos e discussões em sala de aula me fizeram enxergar o mundo de maneira muito mais crítica. O RP tem um conceito muito mais mercadológico mas nos ensinou a questionar bastante a formação educacional que nos é imposta.



O ERERP (Encontro Regional de Estudantes de Relações Públicas) procura ser 100% organizado pelos estudantes e para os estudantes, com organização no local, que costuma ser algum campus universitário. Mesas de diálogo, oficinas, debates, apresentação de trabalhos e muita integração caracterizam este evento, como diversos outros encontros regionais e até nacionais.

Eventos deste tipo são organizados basicamente por uma comissão local e pelos CA voltados a esta área de graduação. Ora, não só pelo CA se organiza um curso, mas também pelas pautas profissionais, cujas discussões entre estudantes são feitas em executivas, como a ENECOS no caso da Comunicação. Elas são mais importantes principalmente quando se discute a ética e a regulamentação profissional ou as grades curriculares e Projeto Político-Pedagógico — a exemplo da própria ENECOS é organizado o ENECOM com finalidade de expor suas pautas, e também aproximar os graduandos de comunicação de todo o país. Também há o nome sinônimo de Federação, caso da FeNEA.

As Executivas surgiram durante a ditadura militar, quando os CA, DA, DCE, UEE e a UNE passaram à ilegalidade, porém, elas foram igualmente enquadradas no AI-5, tornando a ser presentes somente após a redemocratização.

Convém dizer que as Federações ou Executivas de curso são na prática uma organização nacional em defesa de uma graduação universitária — o ME de curso — e uma alternativa identitária às lutas híbridas em espaços de ideologia superexposta.

É dessa maneira que as disputas políticas ocorrem, no caso da Unesp, nos CEEU e CEU. Em teoria deveriam organizar e eleger chapa para o DCE-HR, mas nunca mais o fizeram de maneira sólida desde a década de 90, quando a reitoria deixa de reconhecer a entidade por causa da busca pela representação conjunta com estudantes da FATEC, o que era justo e devido por causa do vínculo institucional da Unesp com o CEETEPS: quando criada, em 1976, a Unesp unificou os diversos Institutos Isolados de Ensino Superior em uma mesma

universidade e, em convergência, serviram para demarcar presença, enquanto IES multicampi, junto às faculdades ou institutos de tecnologia espalhados pelo interior, posteriormente unificados na FATEC e nas ETEC — uma relação de mão-dupla.

Apesar de não abrirem mão dessa unidade e a garantirem, bem como sua legitimidade por um período breve, os estudantes da FATEC passaram com os anos a se distanciar do DCE-HR, justamente — pode-se dizer — devido às disputas partidárias. Em 2013 a formar seu próprio DCE. Da parte da reitoria há somente o reconhecimento do DCE-HR em momentos pontuais ou em que houve conveniência política para a realização de seus projetos, porém é bastante possível concluir o seguinte: sempre houve tentativas de articulação através de comissões provisórias, mas que nunca mais estiveram ordinariamente organizadas e ao mesmo tempo não recebem a devida estrutura, seja por parte da expulsiva e burocrática perspectiva da gestão unespiana em relação às entidades e em relação à centralidade da Unesp — uma universidade que tem como identidade ser do interior paulista mas que sedia sua reitoria na capital — seja pela lastimável situação dos estudantes quanto à logística e aparelhos de mobilidade para grandes distâncias, bem como às tecnologias de comunicação necessárias em uma estrutura fragmentada, uma unidade construída, no passado, sob um único nome pela, para, e com os fins da ditadura civil-militar, e que se tornou em uma complexa universidade multicampi — salvo os momentos em que há eventos como uma greve geral e os núcleos duros de mobilização local articulam o movimento estadual para se fazer presente —, não passando de uma forma de lampejo, ou psiquiatricamente falando, uma articulação bipolar, com grandes efervescências e depressões, nunca uma forma de progresso. Isso que faz da entidade uma variável quase nula, apesar de sua importância em suplantar e organizar as bases estudantis em um estado da magnitude de SP.

Há que se verificar que as disputas políticas que explicam o fenômeno de altos e baixos ao invés de progressos no DCE-HR, como, mas deixemos para falar mais sobre esse assunto no livro de número 5.

E vale observar que a desvinculação da representação estudantil da FATEC ao DCE-HR ocorreu ao organizarem seu congresso de estudantes e elegeram a chapa ‘Conecte-se’, vinculada à contraditória UJS, vitoriosa sobre a chapa ‘Outros junhos virão’, do ‘Juntos!’ a mais conhecida de várias correntes da juventude do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Críticos apartidários mas com certo vínculo com a chapa derrotada chamaram atenção às eleições ao organizarem um blog¹⁰.



Hoje tenho anseios acadêmicos de conseguir fazer uma pós-graduação. A profissão de pesquisador me interessa mas não sei se eu tenho aptidão científica pra isso. Nunca consegui fazer uma boa pesquisa, tenho pouca paciência para uma leitura científica, quando vou fazer textos é difícil ter referência, citação. Gosto de escrever de uma maneira livre. Então tenho um certo receio de achar que vou me dar bem nessa área. Tenho um grande sonho de ser professor. Mas nada me impede de ser um professor mais popular que não precisa de um status quo de academia pra atuar...

Penso bastante na mediação das relações do Estado com a sociedade. Acho que isso falta muito. O Brasil é carente de cidadania na comunicação. Que o povo participe da comunicação institucional. Hoje a mídia radical cresce porque a gente não tem uma oportunidade de fazer parte da comunicação do Estado, que escute o povo, que informe o povo, que provoque o povo a participar dos seus conselhos e suas assembleias. Então eu acho

que Relações Públicas nesse sentido me interessa muito, fazer a mediação do que o Estado e a sociedade tem que se comprometer pra que haja cidadania. Pra que realmente o povo participe do Estado e o Estado consiga escutar o povo. RP pode ser um canal muito interessante que me interessa profissionalmente.

O curso de RP tem uma cultura estudantil muito festeira e bagunceira e isso atrapalha inclusive trabalhos acadêmicos e políticos que a gente possa fazer através de um CA, DA, cursinhos, coletivos, projetos de extensão... A Empresa Júnior é a que mais chama atenção porque mistura bastante concepções mercadológicas com essa perspectiva moderna do RP como administrador de recursos e estratégias comunicacionais empresariais. A Atlética chama muita atenção do curso de RP. E por isso que eu acho que falta um pouco da própria faculdade na recepção dos ingressantes abrir um espaço grande pra apresentação da política universitária. Do que é um Conselho de Curso, Departamento, Congregação, como participar se tiver interesse, o que é o CA, qual é a experiência com um DA de uma faculdade inteira, seis cursos, tão diferentes, mas que se completam tanto.

Acho que o curso me surpreendeu bastante. Eu escolhi RP achando que ia ser legal, foi legal e foi mais legal do que o que achava. E eu já achei que não seria tanto. Posso dizer que me arrependo de ter sido muito crítico antes de conhecer o curso. Mas a motivação política acaba na sala de aula. Isso que falta um pouco: a gente poder ter espaços fora da sala pra que o RP consiga exercer essa função crítica de ser, de ter relações sempre preocupadas com consciência e desenvolvimento social da sociedade, a emancipação do povo.

Relações públicas ou relações privadas?

Se você é um RP institucional a nível público — umas organizações governamentais — você tem que ter algum proveito com a sua profissão, você é um canal! Você é uma mediação. Então se você quiser dar cidadania, democracia, você vai ser um profissional de RP muito comprometido com a verdade. O que acontece dentro do Estado, com seus tantos órgãos, e o que a sociedade recebe de informações em relação a isso. Será que realmente sabemos quais são as pautas principais de um Senado, de uma câmara? Será que o Congresso quer ouvir a opinião da população pra tomar suas decisões? Será que os ministérios estão fiscalizando realmente todas as casas em que ele tem que fiscalizar em relação ao trabalho, em relação às comunicações, em relação ao encarceramento da população — sabe, assuntos que são importantes e intrínsecos pra que todo mundo consiga viver bem em sociedade. E viver bem em sociedade é se relacionar. Então RP é tomar cuidado com isso. Um recorte classista é muito importante pra gente entender como atuar.

Dentro de uma empresa você não pode ser muito comprometido com uma ideologia se você é uma pessoa crítica ao sistema, à estrutura político-econômica que se instala na sociedade, principalmente brasileira. É você fazer parte, ser instrumento desse sistema. Então você como RP empresarial vai se preocupar em defender sua empresa, a imagem da sua empresa, infelizmente. Ia ser muito massa se o espaço das RP fosse realmente “humanizar” ou “politizar” mais o ambiente empresarial. Mas hoje não é isso: a empresa contrata você pra você fazer com que a empresa lucre mais. Fazer com que a empresa se preocupe com pautas progressistas — comunicação interna, LGBT, negros, mulheres — é muito importante. Mas sem um recorte de classe, você sendo um instrumento da empresa está colaborando pro sistema, defendendo uma empresa que explora o trabalhador.

Acho que hoje com as startups — a juventude tá observando várias oportunidades de ficar rico e ajudar a sociedade ao mesmo tempo. E RP tá entrando nisso de cabeça. Acho isso um grande perigo. A gente tá entrando num capitalismo de uma maneira mais humanizada, tentando fazer com o que ele seja bom pra todos, quando na verdade... Não sei se é muito radical, mas RP é você ensinar a população também que as relações de trabalho são opressoras.

Cada um tem que fazer seu corre pra pagar suas contas, então não julgo ninguém. Agora como compromisso na Comunicação Social o RP como instrumento público pode ser muito mais útil pra gente poder combater o racismo, a pobreza, as desigualdades, a violência, a opressão institucional que existe de acordo com o sistema que nos rege. Não sou a pessoa mais politizada do mundo, longe disso. Mas a diferença de trabalhar pro Estado ou pra uma empresa é o quanto você pode exercer sua ideologia dentro da sua profissão.

O RP e o sistema carcerário

Eram recentes as rebeliões no Compaj (Complexo Penitenciário Anísio Jobim), em Manaus, Estado do Amazonas¹¹ e na Penitenciária Estadual de Alcaçuz, em Nísia Floresta, Estado do Rio Grande do Norte¹², ambas ocorridas praticamente na primeira quinzena de 2017. Transferências de detentos e mutirões para revisão de processos mostram-se insuficientes enquanto há a lentidão do judiciário em relação aos presos provisórios e a criação de novas penitenciárias é uma medida que vai em sentido oposto às recomendações das organizações de Direitos Humanos¹³. No que o Ramelov chamou atenção em relação ao encarceramento da população aproveitei para aprofundar sua perspectiva.

Vendo essa revolta que se deu nesses conflitos entre facções a gente vê o quão hipócrita é o Brasil quando a gente fala de reabilitação, de ressocialização, o processo de pegar alguém que errou, tentar ensinar alguma coisa para a reinserção na sociedade. Hoje é muita hipocrisia, vejo que não só o sistema carcerário como a política de encarceramento representada por muitos deputados, senadores, policiais se baseia na criminalização de uma juventude pobre, principalmente negra. Você hoje tranca pessoas que não tiveram a oportunidade de conseguir participar da sociedade de maneira não violenta, porque em muitas periferias e comunidades do Brasil as referências que a juventude tem estão muitas vezes no crime, porque são pessoas que acabaram conseguindo fazer o que o sistema te cobra, que é ganhar dinheiro e ter poder, e pra combater isso tem a bala, viatura e muita hipocrisia. O sistema carcerário hoje representa o que o Brasil é: racista, violento, fascista. E acho que é necessário existir uma política de segurança pública, mas temos que repensar ela inteira. Ela hoje é um instrumento de repressão contra a população pobre, principalmente negra. Você vê lá: quem é Eike Batista? Um bandido. E quem odeia ele? E o que é quem rouba uma maçã porque tá com fome? Um marginal. Todo mundo odeia ele. Todo mundo inclusive bate nele. Se a polícia não vem — hoje as pessoas estão fazendo justiça com as próprias mãos.

A gente consegue trazer a RP pra fazer essa crítica. O que a sociedade pensa? O que a sociedade sabe do que acontece lá dentro? Quem é que domina lá dentro? Qual é o poder da facção, e por que que a facção quer tanto poder hoje? Será que é antiético RP trabalhar na relação entre facções? Ou será que é necessário para que não haja mais mortes? RP é comprometida com a relação social. As facções existem, elas influenciam a juventude. É

necessário fazer uma crítica sobre isso e entender qual a necessidade de atuar entre a mediação. O crime é uma instituição que o capitalismo usufrui e aproveita, é necessário que exista hoje o crime pro capitalismo também existir dentro do mercado das drogas, das armas... O tráfico é um dos grandes poderes que existem dentro de uma comunidade periférica.

“O tamanho desta universidade fica claro quando você vai pro Interunesp...”

Acho que tive muitas experiências prazerosas que foram mais impactantes ou que me deram mais alegria do que o Inter. Mas o tamanho desta universidade fica claro quando você vai pro Interunesp... Eu realmente fiquei fascinado pelo significado da palavra integração, quando você percebe que a juventude tá muito perdida, mas ao mesmo tempo encontra na diversão um grande refúgio. E é uma festa com tanta coisa que a gente pode criticar, tanta coisa que a gente tem que apontar pra ela ser menos... violenta, talvez — inclusive na cultura do álcool, piadas que agridem a população LGBT, brigas. Mas quando você levanta a cabeça e vê aquele bando de gente doida fazendo a mesma coisa... Acho que é uma experiência que me marcou muito. Caramba, quanta gente! A Unesp é grande e todo mundo em comum quer extravasar alguma coisa. Esse ano vai ser aqui em Bauru, se fosse fora talvez não iria mas ao mesmo tempo... Foi muito bom participar disso. Uma experiência curiosa, no sentido mais superficial da palavra. Você se sente parte de uma coisa muito grande lá dentro.

Em relação às festas, moro numa república que já deu muitas festas, então vi muitas coisas que me fizeram dar muita risada, vi muitas coisas que me fizeram achar que a juventude não tem limite... Coisas erradas, coisas que a gente acaba se arrependendo no outro dia, coisas que viram histórias pra vida inteira, que você realmente passa dos limites, mas às vezes faz parte do aprendizado, errar pra entender que é um erro. E também acho que uma coisa muito curiosa é a gente achar que todo mundo tem direito a isso, quando a gente tá na festa parece que é muito legal que todo mundo que está na universidade possa vir pruma festa, e a gente esquece que a maior parte da população não tem acesso a isso...

Uma coisa que me afeta muito é estar no meio dessa bagunça gigantesca e perceber que é a elite que ocupa essas festas. Esse direito a ter essa diversão, este prazer. Inclusive pelo preço que é cobrado. A festa é muito elitizada. As festas na Unesp, principalmente dizendo mais uma vez do Inter, é um espaço muito elitizado, pruma população que tem o dinheiro pra pagar o que isso custa. E aí aquela alegria tão motivacional, aquele sentimento de... “Caramba! Tem gente de todos os cantos do Estado!” nos comove, nos deixa emocionado. Mas também não pode ser alienante a ponto de você não entender que está fazendo parte de um contexto muito hipócrita. A curiosidade talvez esteja nisso, esse sentimento tão alegre, de 10.000 pessoas se abraçando e uma população inteira ausente.

● ● ●

De acordo com um artigo na Wikipédia — parece que não há nenhum sítio ativo senão a páginas do Facebook e fotografias¹⁴ — os jogos Interunesp foram criados pela reitoria nos primórdios da universidade nos anos 70, com o nome de ‘Jogos Unesp’; “Foram reelaborados pelo recém-criado DCE ‘Helenira Rezende’ no congresso do qual emergiu a entidade em 1983”; isso até 1985, quando o DCE-HR organizou os jogos juntamente com a reitoria, “tendo esta última se encarregado dos jogos a partir de 1986”.

Mais tarde, em 1998, “a reitoria suspendeu os ‘Jogos Unesp’ por motivos até então desconhecidos”. Mas segundo o periódico ‘A Dica’, boletim informativo do DACICA na época, divulgado no mês de maio, havia a intenção de organização por parte de uma chapa provisória do DCE-HR. E provisória por conta de uma impugnação judicial — não sendo esta a única — o que pode levar a crer que o DCE-HR estando ilegal teria sido a razão pelo cancelamento. Segundo a reportagem o DCE “está organizando também os jogos Interunesp na Unesp de Rio Claro como uma forma de integração (sic) em todos os câmpus da Unesp”. A matéria também explicava da previsão da “participação de até 200 atletas por câmpus” e da seletiva dos atletas, que “ficará a cargo da Atlética”, com “taxa de inscrição de R\$1,00 por modalidade”. Como este fato não estava detalhado na Wikipédia tratou de inseri-lo na discussão do artigo.

A Atlética ficou também responsável pela tentativa de “providenciar ônibus gratuito para todos os participantes e convidados”. Por fim, era detalhado que “a organização do Interunesp está providenciando estrutura para o alojamento de 3000 pessoas [sic] — no artigo da Wikipédia o Interunesp de 2015, sediado em Araraquara, “contou com quase 50.000 pessoas no evento.”

A Atlética de Bauru — Associação Atlética Acadêmica 1º de abril — desde 1996 a que tem o ‘Texugão’ como mascote e usa abadá da cor de uma gema de ovo cujos rivais não bauruenses sempre mandaram, tal como rima poética pobre, ‘tomar no cu’ — sagrou-se campeã desta edição. Tal fato comprova, aliás, que a Atlética de Bauru, maior campeã, possui um de seus onze títulos do Interunesp ainda sob organização via DCE-HR, mesmo que com chapa provisória.

Pelo dito no artigo da Wikipédia, somente em 2000, depois de dois anos sem o torneio, as oito Atléticas existentes na época — Araraquara, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Presidente Prudente e Rio Claro — “cansaram de esperar a reitoria e decidiram por conta própria organizar os jogos”. Desde 2013, o nome foi desatrelado da Unesp, chamando-se legal e oficialmente apenas de ‘O Inter’, apesar da cultura unespiana ter preservado o Unesp nos dialetos.

Desde então os alunos unespianos organizados nas Atléticas organizam o Interunesp, com uma empresa terceira que organiza as festas, decidindo como serão as disputas, com cada Atlética se responsabilizando pela organização local de cada campus, o que envolve a venda de pacotes de festa, organização dos alojamentos na cidade-sede e formação das equipes representantes.

Em 2017 haverá um Interunesp em Bauru, pela primeira vez¹⁵. Isso logo depois de Presidente Prudente, Atlética arquirrival, vencer as duas últimas edições consecutivamente (a última em casa) após interromper uma sequência de quatro títulos bauruenses. Muitos diziam, seja por descrédito ou por boicote, que Bauru não tinha capacidade para sediar o evento.

Nunca fui dos mais atentos em relação à Atlética ou ao Interunesp mas a informação sempre cai no colo como gostaria que o fosse em relação ao ME. Meses antes conversava e especulava virtualmente com o Xote...

Tá forte o papo de inter 2017 bauru

hahah Bauru perdeu de novo?

perdeu

hahaha

mas parece que o gazettão prefeito eleito vai apoiar sediar ano que vem

tava vendo que faltavam postagens de vitória...

tinha é gostado da propaganda

"cavalo de troia"

tava pq perdeu mesmo

Bem, é algo que sempre comentava pra povo de atlética... dá pra fazer, com bastante planejamento dá. E acho que um apoio de prefeito supera o isolamento político de Bauru sofre das outras atléticas. Certa forma é bom sinal.

planejamento não né

precisa de lobby memo

associação dos comerciantes

confiança e tauste

hahaha

é 15 mil pessoas né

torrando dinheiro

uhum, pode crer. Ver o confiança flex cheio de abadás não vai ter preço.

...

Tive poucas experiências fora da Unesp. Já me culpei muito por causa disso, participar do movimento estudantil, dizer tanto em nome do povo, e poucas vezes ter saído da Unesp. Em 2013, na greve me envolvi com o Movimento Bauru Acordou, que foi uma grande ponte naquele momento de muitas mobilizações, de 2013, greve na Unesp, passeatas gigantescas por várias cidades no Brasil, então eu consegui ver um canal.

Também comecei um pequeno projeto de Relações Públicas comunitárias numa comunidade aqui perto que se chama Vila Zillo. A ideia era promover estratégias de que o povo daquela comunidade conversasse, levantasse demandas e levasse elas para o poder público. Mas era muito difícil fazer essas reuniões. A molecada no fim de semana sempre

tinha atividades pra pensar, poucas pessoas compareciam aos nossos debates, nossas discussões, então esse projeto foi muito curto.

Mas hoje percebo que não me arrependo muito disso, porque acredito muito na organização do ME da Unesp. Eu acredito muito nisso. É sim um movimento social a ser incentivado, ascendido. Hoje me dedico bastante a isso. Não participo muito das coisas da cidade, mas faço parte hoje da Unesp... O CACOFF é uma via. É necessário. É uma via muito possível, muito provável de participar da cidade, participar dos movimentos sociais da cidade, fazer um elo entre a universidade e a população, oferecer atividades que a Unesp financie para que a população participe, existe uma via muito concreta, sem dúvidas. Tive a oportunidade e poucas vezes aproveitei essas oportunidades. Mas como digo, acho que no momento que a educação pública está sendo atacada de maneira tão cruel fazer com que o ME também se estruture dentro da Unesp e também combata e defenda os seus propósitos dentro da Unesp importante, porque construindo um ME consistente se possibilita que as novas gerações vejam esse ME construído, não tenham que começar ele sempre do zero, e aí sim, com um ME bem consistente, participar mais da cidade, principalmente oferecer mais à cidade, como instituição pública, financiada pela cidade, pelo Estado, e sem dúvidas é uma via que deve ser mais aproveitada. Agora não me arrependo — e reforço — de hoje olhar e ver que participei bastante lá dentro. Porque ainda é preciso construir um ME mais comprometido. Se a gente gastar tempo e energia fazendo isso também estaremos contribuindo para que o ME consiga participar da cidade.

Em 2013, naquela onda um pouco “burra” — se eu posso assim dizer — do “gigante acordou”, fui muito pra rua. Fui três, quatro vezes na mesma semana, acreditando que tava fazendo uma coisa muito correta, barrando aquela PEC... A PEC 37¹⁶... Ia tirar muito poder do MP sobre investigações, combate a corrupção, ia deixar muita coisa pra PF. Aí numa dessas manifestações houve confronto com a PM. Eu nunca fui capaz de atacar violentamente mas fui pego pela PM. Tava lá, fiquei no meio da avenida, não queria sair, achei que eles iam simplesmente me ignorar mas apanhei. Fui levado pro DP, passei a madrugada lá, uma violência psicológica danada, fui liberado inclusive porque eu dei sorte de ter ido pro DP com uma banda de reggae do ABC que tinha um advogado muito poderoso. Ele conseguiu liberar a gente no fim da madrugada. Essa experiência marcou muito minha vida, “caramba, eu com meu discurso não violento, a favor da paz, a gente pode transformar esse mundo” Sendo do bem, fui um alvo de repressão e isso me deixou um pouco mais revoltado...

2013 não foi um ano fácil, com mas revelou definitivamente uma nova geração de estudantes em inserção no ME. Marco me conhecera nesse contexto, na época da ocupação do RU (a qual podemos até chamar de inauguração!). Diversos grupos e classes estavam no mesmo espaço querendo reivindicar alguma coisa que fosse. Cada campus da Unesp tinha um problema e um contexto diferente. Apareceu então um problema comum de se identificar em um dia a dia de palavreados rasos, de polarização extrema: a densidade da fragmentação de pensamentos, a percepção amplificada das disputas políticas aparecendo na frente de todos. Mas poucos tinham a noção de quão fundo era o buraco, ou de como o norte não aponta somente onde você, jovem revolucionário inspirado em livros, filmes, instituição partidária, documentários ou streamings com um tom underground estiloso, imagina... Mas onde o consenso venceu, houve progresso.

“Como, ‘gigante acordou’? Que acordou nada, nós nunca dormimos!”

As manifestações de junho foram no meu primeiro ano, eu não entendia muita coisa. Greve, ocupação do RU... Foi um momento em que eu pude crescer, e acordar pra muita coisa. Mas acho que essa experiência de ter apanhado e ter sido reprimido e entender, começar a ver que o que passei não é nem de perto a violência que a polícia faz com a população mais pobre. Me fez querer assumir um compromisso de entender melhor como é que funciona esse estado em que a gente vive sucumbido e como participar, como entender quem é que reivindica o que a nível social, como entender quem é que reivindica o que é que são os movimentos por moradia, por terra... E conheci o CACOFF logo depois. Logo pude entender que o CACOFF pode ser um instrumento de politização dentro da universidade.

Naquela época tinham pessoas do Bauru Acordou que hoje militam em pautas e movimentos que eu levo muito a sério, concordo. Mas naquela época era muito ingênuo, porque a gente vivia esse espírito que... “nossa o gigante acordou”. Era uma classe média que nunca fez porra nenhuma e começou a ir pra rua. E inclusive ofendeu Movimentos Sociais que sempre estiveram na rua. Como, ‘gigante acordou’? Que acordou nada, nós nunca dormimos! Mas naquela época eu vi que o Bauru Acordou também tinham muitas pessoas com as quais eu não concordaria hoje jamais, mas na época era esse sentimento de “vamos fazer alguma coisa”. E que acabou sendo utilizado de maneira muito estratégica pela direita, que conseguiu calar o grande sentimento de revolução que junho de 2013 poderia provocar e nos trouxe pequenas oportunidades de falar só o que a gente queria falar... Eu não concordaria mas era um momento em que muitas pessoas estavam simplesmente envolvidos pela emoção. Hoje, repito: muitas pessoas que participaram desse movimento estão em movimentos com os quais eu concordo e simpatizo, sem dúvida.

O CACOFF naquela época era uma menina só: a Keytyane, então ela era muito alinhada com o movimento de psicologia que realmente pautava aquela greve, era o CAPSI, o DACEL... E a mulherada de psico — que fique claro que aquela greve de 2013 foi conduzida e liderada por mulheres, sem dúvida: guerreiras, corajosas, combativas, classistas... Barramos o PIMESP¹⁷ e conseguimos instalar a CPPE e as Cotas na Unesp.

Em 2013 o movimento foi pautado bastante no fato de que queríamos barrar o PIMESP. Ia ser isso: você ia ter uma reserva de vagas, se você comprovasse necessidade socioeconômica, mas ficaria por dois anos num curso à distância porque o argumento era de que a escola pública e a escola particular têm conteúdos diferentes e você ia ter que realmente fazer esses dois anos pra comprovar que você é capaz de cursar a graduação numa instituição pública. Isso era uma absurdo. Ia fazer com que a classe trabalhadora que quisesse ingressar ficasse parada no tempo, porque ao mesmo tempo que você fizesse o PIMESP não ia poder ter ocupação profissional, era um absurdo, reviver a indignação com o que o governo Alckmin queria fazer com o vestibular. E o CACOFF, sim, se alinhava bastante ao que ouvia assim, mais pela esquerda naquele momento. Era a Keytyane, sobrecarregada... Mais a Keytyane do que o CACOFF.

O maior problema do PIMESP — o Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Público Paulista — rondava nos aspectos mais ortodoxos do mérito no chamado ‘darwinismo social’ que rondava o sistema de *College*. Contarei um pouco mais sobre isto no terceiro volume.

Então pouco vi o CACOFF envolvido, porque a gente virou um comando de greve. E os professores e servidores também estavam muito alinhados naquela época, porque, como eu digo, era um movimento bem pautado na classe, o ME bastante comprometido com uma consciência de classe: a Psicologia sempre bate na tecla, sempre traz pra discussão. Então foi uma greve vitoriosa. E o CACOFF fez parte dessa vitória. Reforço: Keytyane presente.

“Políticas do corredor”

O ME demanda muito trabalho, parece que não, mas quando você se vê envolvido se tem muita expectativa, então precisa botar muito a mão na massa. Desde 2013 tento participar daquilo que existe. Pouco eu fiz existir nos meus dois primeiros anos. Tentei compor aquilo que estava acontecendo. Então: assembleias, movimento de ocupação, eu fui representante por um ano no DCSO.

Então pude entender, por dentro, aquelas políticas que costumamos chamar de ‘políticas do corredor’, o quanto elas realmente impactam a universidade, prejudicam ou ajudam. A gente percebe que os Conselhos de Curso, Departamentos, as Congregações — as discussões não acontecem simplesmente naquele momento. Você não chega lá pra discutir e ouvir a opinião das pessoas. Muitas pessoas já discutiram o que vão discutir no momento em que só querem deliberar. Então a gente como estudante acaba sendo muito silenciado nesses momentos. A gente não consegue participar ativamente porque todos os professores já sabem o que vai acontecer. Quando tem uma treta, é porque tem discordância. E é treta porque mexe com o ego das pessoas.

Acredito que as pessoas que compõem os órgãos colegiados estão se dedicando a cuidar, administrar a universidade. Mas muitos também querem fazer com que sua carreira ascenda. Claro! Então, nesses espaços mais burocráticos me ensinaram a também tentar fazer contato. Eu critico, aponto, mas confesso: também fui atrás de fazer meus contatos no departamento, na direção, nas secretarias. Como representante busquei entender a burocracia.

Dentro do ME foi mais em 2015 que comecei a querer tentar tomar a frente de algumas coisas. Mas acho que nunca fui líder; se um dia fui, fui um péssimo líder. Se eu liderei alguma coisa, se fui responsável em incentivar alguma coisa eu errei, porque os movimentos em que estive mais a frente não foram vitoriosos. Participei, vi pessoas entrando, saindo, organizamos festas, inclusive no bosque, conseguimos levantar uma boa grana pro CEUB. Organizei ato na universidade, fomos pra rua em 2013 pra tentar chamar atenção, ocupamos a câmara municipal. E infinitas assembleias e GDs em que pude entender como funciona uma dinâmica de tempo de fala, de esperar sua vez de falar... Coisas bem humanas que o ME me ensinou.

Um homem em construção

Eu não tinha muita coragem de me expressar. Porque sempre ouvia bastante disso, por eu não ter o ‘empirismo’ das pautas, difícil eu saber como lutar por elas. Então eu mesmo sempre me silencieei em muitos momentos. Fui silenciado com razão por pessoas LGBT, negras, negros que me falavam “não é sua hora de falar”, “não é sobre isso que você tem que

falar”. Mas um grande desafio foi eu ser o estereótipo da opressão e ter um anseio por ter que falar o tempo inteiro.

Sem dúvida alguma hoje tenho muito mais respeito, paciência e disposição a ouvir as críticas. Tenho até esse costume de pedir muitas vezes desculpa mas é porque eu quero falar, eu quero poder provar que a gente conseguir pautar um movimento de classe nós vamos unificar negros, mulheres, LGBTQs, homens, trabalhadores em geral pra derrubar aquilo que a gente acredita que tem que derrubar. Mas confesso... peço perdão, mas um desafio foi... vão falar que sou um vitimista, que estou simplesmente chorando lágrimas de hétero... Mas podia ter feito mais se eu pudesse ter a consciência de que, eu sim, sou homem, branco, de classe média, mas não estou aqui pra oprimir ninguém. Se eu tivesse mais coragem talvez as pessoas teriam me escutado e entendido porque também faço parte de um mesmo time.

Sou um homem em construção. Não sou desconstruído, nem sei se eu quero ser, porque hoje em dia eu vejo esse ‘desconstruidão da porra’, que nos faz ser uns grandes hipócritas.

Marco era do tipo de pessoa com a moral de subir no palanque e pedir aos presentes, delegados ou não, em um CEEU — geralmente militantes de esquerda em uma grande disputa política pela definição das prioridades — favor não confundir com briguinhas de ego apesar de serem por vezes inevitáveis — para que todos colaborassem e facilitasse o diálogo para que se chegue a um consenso, independente da contenda que fragmenta as diversas vontades dos grupos. Em resumo pedia para que a galera fosse mais unida. Lembro-me do Pasta, de Araraquara, companheiro da Samantha, da Psicologia de Bauru — aliás ambos estavam entre os puxadores da CEM, um mecanismo de articulação no ME estadual tal como uma comissão provisória no lugar do DCE-HR — usar o temo ‘inferno’ para resumir o que é a plenária final de um CEEU. Isso foi ao fazer mediação das plenárias no CEEU de Rio Claro, no início da greve de 2016, a qual posso comentar mais no sexto livro. Marco fez tal discurso no CEEU seguinte, realizado no IA de São Paulo.

O CEEU, diferenças ideológicas, contendas e conciliações

Muita gente me chama de manobrista, falam que sou meio romântico, e apelo um pouco no discurso. Mas imagina: eu, naquele CEEU, inclusive quando vejo as possibilidades do ME a nível estadual eu tenho aquilo de RP e acho que a gente se dando bem vai ser capaz de realizar muita coisa. A gente não se preocupar em ofender, agredir, impor nossa opinião. Se a gente não for preocupado tanto com nosso ego dentro desses espaços a gente é capaz de conduzir o coletivo a ter realizações e conquistas. Então, sempre que eu puder eu vou tentar prezar para que a gente se respeite, se una como movimento a nível estadual na Unesp pra ser capaz de enfrentar a reitoria, pra ser capaz de mostrar que uma universidade inteira tem reivindicações, uma luta a fazer.

Nesses espaços já fui agredido, já fui xingado, mas isso me inspira a tentar entender que as pessoas nervosas acabam se atrapalhando. Então RP me ajudou a tentar prezar pela paciência, pela compreensão. E nos espaços, por mais políticos e por mais radicais que eles sejam é assim que vou ser. Talvez eu prejudique, talvez quando sair daqui as pessoas deem mais certo. Mas enquanto acreditar nisso eu vou tentar fazer com que isso também auxilie de alguma maneira o movimento que eu quero fazer parte.

Eu acredito que quando nós somos um movimento de esquerda nós precisamos achar menos diferenças e mais conciliações. Quando nós dialogamos com um movimento de direita nós temos que achar mais as divergências do que as conciliações. Nós somos um ME que se dedica a viajar e se encontrar. Podem ter partidos diferentes, movimentos e bandeiras de frentes diferentes. Mas as nossas causas são muito parecidas: defesa da educação pública e gratuita. Agora se nós fomos num ‘encontro nacional da juventude’ e lá tem pessoas com ideologias e projetos muito diferentes dos nossos aí sim é necessário provocar um debate e realmente não ser muito paciente.

Quando a gente concorda não quer dizer que a gente não tem diferenças, mas as diferenças podem ser menos cruciais do que o que a gente concorda — se a gente quer ter algum tipo de ação, de resultado. Mas quando são muitas as diferenças às vezes é talvez melhor nem encontrar no que a gente concorda, pra gente entender que a gente pauta projetos políticos diferentes. Então se a gente ficar discutindo, discutindo... só vamos chegar em discórdia. Se nós vamos dialogar com um movimento fascista é com radicalidade que vamos dialogar. Se nós somos um partido de esquerda, um movimento de esquerda que quer se encontrar com outro movimento de esquerda, que talvez tenha algumas divergências mas pode conciliar muitas atuações, eu prefiro entender no que a gente pode fazer junto. Sem dúvidas. Isso sem que ninguém manobre ninguém. A gente consegue fazer isso pautando quem somos nós, quem são vocês, que queremos. Vamos fazer junto? Se não for pra fazer, tentamos...

Geração ‘textão’, direita em ascensão, esquerda em crise

Há a ascensão de uma geração que sabe fazer textões fantásticos, mas não se mobiliza pra fazer com que o textão vire uma prática de “algum tipo de intervenção” na organização política, na administração e gestão dos recursos públicos. A gente acaba acreditando muito em quem faz sem entender que quem faz tem que ser nós. A gente acredita muito que alguém vai fazer o que a gente acredita que vai ter que ser feito. E a gente não faz.

É o Temer, o Trump, se a gente for pensar num contexto internacional. É a extrema direita se apropriando e se aproveitando de uma desorganização da esquerda. Esse é o contexto que eu vejo hoje. Teve um presidente negro nos EUA, que eu tenho a maior simpatia do mundo. Mas é um presidente negro que bombardeou tanto quanto um branco.

Aqui, dois dos vereadores mais votados em Bauru, o Manfrinatto e o Markinho da Diversidade: um é deficiente físico, o outro é gay. Acho que isso motiva muitas pessoas, porque a esquerda cobra acreditar nesses tipos de pautas progressistas, que são dois vereadores praticamente da extrema direita hoje, reacionários e conservadores. A desorganização da esquerda também se deve à própria esquerda, eu acredito.

Houve uma renovação dos movimentos negro, LGBT e feminista ganhando muita força e realmente intervindo na sociedade, transformando realmente essa sociedade num espaço mais democrático, mais plural, mas que a nível sistemático desorganizou um pouco o movimento da esquerda unificada. E talvez isso seja o início de uma nova esquerda. Que eu assista ascender — assim espero —, daqui a alguns anos, um movimento pautado também na classe, com todos os recortes sociais presentes. Muitos movimentos se segregaram, muitas bandeiras se afastaram, e abriu espaço pra uma direita que se organizou e subiu ao poder. E

agora será mais uma vez o momento de resistir ao retrocesso social, o discurso econômico sempre ganhando o eleitorado...

Abrimos a Unesp para uma população mais pobre, mas que ainda assim é privilegiada — porque a gente consegue perceber que quem passa no vestibular usando as cotas é quem vem das escolas públicas mais conceituadas, estruturadas. Mas ao mesmo tempo parou-se de investir. Simplesmente só se corta, isso não é à toa. Há uma população mais pobre e a elite não quer mais pagar a educação pra essa população. É isso que a contexto estadual no nível da educação está acontecendo.

Ocupações dos secundaristas deram um show de luta, conseguiram instalar a CPI da merenda. Conseguiram barrar a reorganização escolar¹⁸, que o Alckmin e esse governo mais uma vez ignorou e quando o movimento secundarista deu uma aquietada não mais foi atrás de investigar esse corte das merendas e continua a botar em discussão o procedimento da reorganização. Então é um governo que acredita que bandido bom é bandido morto mas não cuida pra que uma criança não se espelhe num bandido.

A reorganização foi barrada com sucesso com as ocupações espalhadas por SP, mas a CPI da merenda pouco resultou, senão a depressão moral do presidente da Câmara e até aquela altura provável candidato do Partido da Socialdemocracia Brasileira (PSDB) ao governo estadual para 2018, Fernando Capez, denunciado, após delação premiada do lobista da Coaf (Companhia Orgânica Agrícola Familiar) de Bebedouro, Marcel Júlio, como beneficiário do esquema de propinas da merenda escolar. Cercada de contradições e de um verdadeiro circo parlamentar¹⁹. A militância de diversas organizações estudantis secundaristas, e até alguma presença universitária, com um destaque das mídias especializadas e independentes à UBES e UPES, não só deram grande suporte às ocupações contra o fechamento de escolas do Estado em 2015 como também ocuparam a ALESP cobrando a instalação da CPI da merenda em 2016. Porém pouco puderam fazer, sendo em diversas situações barrados da participação de sessões da CPI e chegando por vezes a serem agredidos pela polícia. A pizza saiu muito bem assada e dos sabores mais carregados e repletos que o leitor engajado preferir, e com o melhor molho de tomate — o que me remete à qualidade das pizzas de Jundiaí...

Dei uma pausa no gravador para salvar o que já foi obtido.

— Essa conversa tá dando uma desgastada, né? Bora aproveitar a pausa para um almoço, Ninjoleta? Tem comida prum exército aí.

— Tá tendo? Então bora.

...

É simplesmente muito complicado tocar o movimento estudantil. Quando o Musta me falava da necessidade de reestruturação do DADICA imaginava que por conta de um pensamento mais voltado à coletividade fosse ter melhor apoio (afinal ainda ela calouro) e todo esforço para administrar uma chapa fosse ser priorizado, convergente com as tarefas do tripé acadêmico. Achei que as coisas eram assim até a eleição, mesmo com colegas

mergulhando nas influências do Fora do Eixo, chegando a trancar ou desistir da faculdade para migrar para São Paulo. Havia uma massa organizada de comunicadores orbitando o CACOFF em meados 2011, mais a presença do CADUnesp, CAFCa e CAARTUN. Imaginei, em um período em que me sentia tão *good vibes* quanto à fofura meloromântica de Marcelo Jeneci, que A FAAC tinha condições de solidificar suas organizações estudantis.

Mas daí em diante, vi que as dificuldades eram muitas. Começando pela chapa em si, que não agregou proximidade política, quanto mais pessoal. Havia o Jefferson, do quarto ano da Educação Artística que era inspirado no zapatismo²⁰, coisa que mal sabia o que era.

— Cê tá me tirando né cara? Tá querendo apanhar? Essa porra aqui é séria, camarada. Cê nem tá ligado no que você tá falando — foi a reação dele ao comentar que uma camiseta preta, com as iniciais EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) estampada em vermelho, que ele usara em um dia de manifestação puxada pelo pessoal do CEEUB em alguma reunião do GAC.

Eu Comentara brincando com ele que ele parecia um militante de boutique. Passei a ficar melhor informado com esse sermão, ao menos.

Também havia o Lemuel, de RP; Aline Paes, que na época era do Design mas migrou pra Artes; Garça, de RP, a Last, de jornal... Também alguém no Radialismo a qual não lembrarei o nome; a Débora, o Tulipa e a Marrone, Arquitetos. Mas nada deu certo, tudo era desconhecido e com cada um cuidando de seus problemas, uma entidade estudantil que parecia não significar nada. Sem muita referência não tinha muita noção de como podíamos, como entidade, fazer o melhor que estava ao alcance da realidade onde estava. Queria agarrar tudo ao mesmo tempo, ajudar ali e aqui, mas não adianta de nada se envolver em tudo se você age sozinho, impientemente. Ainda mais se não for algo que não esteja familiarizado. A sensação era de permanente dúvida do que fazer, como se apenas restasse ir de um lugar a outro e descobrir cada resposta, na base da teoria e erro, atravessando desde os laboratórios de pesquisa da FC até os confins da praça de esportes — lá se terminavam as obras de uma piscina semiolímpica do DEF.

Criatividade, imediatismo e a organização do corpo discente

Nesta época acontecia uma transição nas redes sociais. Foi neste ano que eu fui começar a usar o Facebook, e reparei que as massas foram também começando a usar. Esta também foi uma boa época para uma amplificação dos debates virtuais, tal era a capacidade e a praticidade do Facebook frente à rede social mais popular até então que era o Orkut, que foi sendo literalmente abandonada, sobrando dela somente as comunidades que migraram na formas de grupos ou páginas, tal como numa simbiose. Não obstante as redes sociais foram se multiplicando e formando uma nova lógica.

Um professor recém-chegado ao DCSO, chamado Juarez Xavier, foi o meu primeiro tutor, quando fui bolsista em seu nascente projeto NeoCriativa (Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa). Fiquei por lá entre 2011 e 2012, fui pouco produtivo, mas de suas ideias foi possível desenvolver e compreender, naquela época, o que escrevo aqui hoje como um contexto maior: Novos tempos chegaram e não só ocorre a crise com os meios impressos como os próprios jornalistas passaram a se diluir dentro da rede em meio a milhões de pessoas com a simples capacidade de escrever sobre algo. O artigo de opinião — se é que é possível dar um nome técnico do jornalismo nesta modernidade líquida²¹ — tornou-se a produção escrita mais utilizada.

Se antes o periódico de uma entidade estudantil era a forma de propagar uma informação, reservada ao saber técnico de um comunicador, passamos a ter uma liberdade criativa em expansão e especialistas de diversas áreas passam a ter ferramentas muito mais práticas para fazer o mesmo: um grupo, uma página, um aplicativo.

Mas pouca coisa do que se faz coletivamente supre as necessidades apressadas e frenéticas de um público-alvo universitário — inseridos em um universo muito isolado do restante da cidade onde se estuda — que daí em diante só crescia. Cliques, digitadas e deslizadas torna-se resposta sem ação.

Temos uma problemática: estes tempos parecem surtir como uma droga, um vício inserido na juventude. Sua solução está em encontrar meios por onde podemos canalizado em um objetivo nobre.

• • •

A classe trabalhadora trabalha e passa muito tempo da sua vida trabalhando. A juventude tem a oportunidade de participar de movimentos que demandam simplesmente tempo e atenção. Por que ficar em casa? É muito importante que a juventude saia pra rua, só que saia com propósitos de fazer alguma coisa que tenha objetivo. E o CACOFF é uma excelente oportunidade, um instrumento pra juventude poder se organizar, discutir. Já existe um propósito. Somos todos estudantes de comunicação. O que pensamos sobre o que está acontecendo? Como que os estudantes de comunicação se posicionam diante desse momento em que a juventude está tão ausente dessa... Não só mobilização como participação dos processos da política. O CACOFF hoje é um instrumento e não é pouco, porque nas disciplinas que esses três cursos [de comunicação da FAAC] passam quatro anos estudando muito se debate sobre política, e a juventude — pra não ser redundante — não pode ficar parada assistindo o que está acontecendo.

É Muito difícil colocar em palavras o que o ME não me ensinou... o ME demanda uma dedicação e uma paciência quando se acredita que ele depende de uma construção. Opiniões muito diferentes, reclamações e críticas o tempo inteiro.

Como mediar toda essa situação pra que o ME seja um movimento social de atuação aplicada, não só seja um movimento que fique no campo das ideias, que faça parte de uma formação crítica? Que o ME atue dentro da universidade, que ele vá pra rua, que ele dê as suas caras, a sua opinião, que ele lute pelo acredita?

Com um pouco de humildade você consegue perceber que o ME é um local de várias opiniões, mas que possam ter um só propósito. Se a gente consegue conciliar a luta por uma educação pública de qualidade com a maneira que nós acreditamos de ver o mundo a gente vai encontrar um propósito, uma razão. Por exemplo a permanência estudantil: você pode ter a opinião que você tem sobre a universidade, permanência estudantil faz a diferença para que a população pobre consiga estudar na universidade.

RP é realmente entender quais públicos participam desse movimento e como fazer com que eles conversem, como fazer com que eles se entendam. Que eles consigam chegar em conclusões, ou pelo menos objetivos. Tentar conseguir conciliar os interesses do movimento com a dificuldade que é dialogar com a gestão, com a direção dos professores. E é por isso que por muitas vezes eu fui tirado de conciliador, uma pessoa pouco radical, que tentava encontrar maneiras de conciliar a luta com a dos professores. Mas no fundo, com a educação pública sendo atacada nós estamos num só barco afundando, estudantes, funcionários e professores. RP hoje é uma grande possibilidade de fazer com que a luta por uma educação concilie todos os seus agregados.

Eu espero ter oportunidade de poder exercer a minha profissão de maneira muito comprometida com o que eu acredito que a gente tem que ser como RP: a emancipação de um povo em relação a seu Estado. Que a gente ocupe o Estado. Que o RP consiga esclarecer

— ou elucidar, melhor dizendo — pro povo como participar desse Estado, e o Estado, escutando sua população pra tomar suas decisões.

Ao dizer ‘elucidar’ (palavra que tem entre outros significados ‘obter esclarecimentos sobre algo’) ao invés do sinônimo ‘esclarecer’ (que pode ser entendido como ‘iluminar’), Marco busca exercitar com boa intenção algo que o movimento negro chamaria de ‘vocabulário não racista’.

Eu, particularmente, e pelo que observei em minha experiência, não vejo metalinguística que faça diferença. Disse uma vez que promover adaptações na língua simplesmente para evitar o problema de uma cultura racista como a nossa soa tão fácil quanto tornar o esperanto língua oficial de uma nação. Haverá oportunidades para explicar mais sobre isso neste livro.

Minha recomendação é tentar fazer com que esse compromisso esteja cada vez mais presente: a cidadania dentro da comunicação, isso é muito importante. Então, que os futuros e futuras profissionais de RP se comprometam à cidadania e à democracia. É um apelo. Não podemos ser instrumento de alienação. Não podemos ser instrumento de reprodução do que hoje é aquilo que a gente enxerga nessa estrutura de dominação, nas relações de trabalho, nas relações tributárias. É necessário ter uma comunicação muito mais voltada pra emancipação de um povo.

A estrutura de trabalho para comunicadoras e comunicadores no Brasil é muito delicada. Aliar a nossa ideologia ao fato de que ter que pagar as contas é muito difícil. Então vejo que hoje 90, 95 por cento acaba tendo que aceitar realidades pra conseguir ter um salário e conseguir se sustentar, porque os veículos de comunicação hoje estão muito simplistas, muito superficiais, porque inclusive devem muita coisa pra muita gente. E nisso a gente vê a ascensão da mídia radical como oportunidade de fazer a verdade aparecer, nem que isso demande militância, revolta, aquelas estruturas de organização que o ME nos ensina, como financiamento, captação de recursos... Porque é muito difícil você aliar o comprometimento político com patrocínio, por exemplo, pra você ter o seu próprio instrumento de comunicação.

Mobilização pela entidade (mesmo quando não precisamos estar nela)

Marco contribuiu para reerguer o CACOFF em um período de total estagnação ocorrido devido a não realização de eleições por causa da greve estudantil unespiana de 2013. Orbitou nas chapas ‘Sinergia’, ‘Okupa’ e a então eleita ‘Voz por Vós’, além de atuar junto a chapas do DADICA como a ‘Motirõ e Mosaico’. Em 2017 compõe a chapa Nó’, que se destaca com a reativação e criação dos elos entre os CA, elegendo chapa para o renascida entidade de Artes Visuais (antigamente chamada de CAARTUN, passando a se chamar CAAV) e com a realização de um fórum estudantil para organização das entidades (graças aos deuses!!).

O CACOFF em si vive esse confronto de gerações — confronto não, conflito — de que falta assistência e apoio da chapa anterior pra nova chapa mas também há uma arrogância na

chapa nova que não quer fazer igual a chapa anterior fez. E se você colocar isso a nível nacional são muito mais pessoas que entram, que vem pensando diferente, arrogantes, ignorantes. Mas ao mesmo tempo é o desafio de construir um movimento social. E a mediação das relações pode ser muito crucial.

O RP dentro de um movimento social como a UNE pode fazer uma crítica respeitosa ao que o ME em geral pensa da UNE: entreguista, governista. Hoje essa é a opinião que escuto, mas eu não conheço, não sei qual a dificuldade de ser a UNE. Acho que ela mais atrapalha mas é um instrumento que existe, não podemos ignorá-la. Não podemos simplesmente aceitar que a UNE foi cooptada pelo Partido dos Trabalhadores e começar do zero, porque ninguém tá fazendo nada. Conheço a ANEL, acho que tem uma militância massa, mas a UNE é representativa a um ponto de conseguir conversar com o Brasil inteiro. Não milito pela UNE, nunca fui num congresso, nem tenho muita curiosidade. Mas gostaria que as gerações que vem aí fossem menos arrogantes e mais participativas. Fosse conhecer a UNE, como eu conheci o CACOFF.

O CACOFF é um instrumento de articulação dos três cursos de comunicação na categoria estudantil. Fiz parte de uma chapa de reorganização burocrática e passei a bola pra uma chapa que dizia que ia ser muito mais combativa. Me barraram. Eu fui lá e fiz a eleição pra eles. Não fizeram nada. Eu fiz a eleição de novo agora, fui comissão com muito orgulho pra dar chance pra nova chapa, pra chegar e tentar fazer diferente. Ou tentar reproduzir aquilo que eles acreditam que foi certo, que já fizeram na outra chapa. Então acho que se realmente eu critico hoje a desorganização da esquerda é por esse tipo de opinião, de achar que a UNE já não faz mais sentido e não construir nada além dela. Eu acho que ela é um instrumento de mobilização. Acho que ela pode ser um encontro de estudantes do Brasil inteiro, que façam seus repasses sobre as situações que vivem na universidades e consigam construir movimentos unificados. Porém hoje ela não realiza isso. Na prática não vejo a teoria em que acredito.

Mas isso não quer dizer que a UNE é isso: as pessoas que estão na UNE hoje representam isso. Não concordo muito com o movimento dos anarquistas. A gente quer simplesmente derrubar o Estado e começar de novo. Será que isso é possível? Será que o mercado hoje não tem uma dominação tão poderosa de que talvez o nosso compromisso tenha que ser ocupar o Estado pra conseguir enfrentar esse mercado, regulamentá-lo, tributá-lo? Assim eu penso talvez da UNE. Hoje não me simpatizo, não conheço, não tenho nenhuma ou nenhum colega que participe. Todas e todos não acreditam mais na UNE. Então eu como ME da Unesp tento construir, participar de um movimento estadual da Unesp. Agora vejo que a UNE é um instrumento que existe, e abandoná-lo pode ser ainda mais perigoso pra nós, porque já é uma possibilidade de encontrar muitos estudantes pelo Brasil inteiro. Se você me vier com uma alternativa a isso, talvez eu vá falar: “que massa” mas eu acredito no que existe. Hoje ela não atua como aquilo que ela deveria atuar, na verdade ela atua de uma maneira que não deveria atuar.

Apesar de ter muita simpatia com o que Lula e Dilma representaram o governo deles não foi realmente pautado na esquerda. Abriram muitas universidades federais, é verdade, projetos sociais, assistencialistas. Mas nós vimos a ascensão de um ‘Deus Mercado’ que conseguiu trazer muita desigualdade pra educação. Criaram-se universidades federais, mas que por muito tempo foram ocupados pela elite. Com as cotas esse cenário começou a mudar, mas com esse cenário começou a ter menos investimento. Acho que a UNE nesse sentido de ter se aliado a um projeto de governo não abriu os olhos pra aquilo que eles deviam continuar

resistindo e combatendo. Como foram conciliados, agregados ao projeto, fez parte de uma propaganda por muito tempo.

Quem sabe com essa ascensão da extrema direita em nome de Bolsonaro, Silas Malafaia a gente não torne a ver essa união nacional como um instrumento combativo de novo. Não me surpreenderia, porque aliado ao partido que agora voltou a ser oposição vem luta por aí. E não cair nas mesmas hipocrisias, nas mesmas contradições de defender uma educação pública de qualidade, ver a privatização da educação e não combatê-la de maneira estrutural. Formar um bloco de oposição, falar sobre reformas tributárias e agrárias; voltar a falar da tributação das grandes fortunas; combate às estruturas reacionárias que vem conduzindo, essas figuras políticas que vem ascendendo nesses partidos mais perigosos, pautados no neopentecostalismo, na moral e bons costumes, no armamento, na justiça com as próprias mãos.

Foi uma entrevista boa. Os colegas de Cajuteria agitavam um biribol na piscina, agitavam na conversa. O Marco até cobrou para que falassem baixo umas vezes.

Passei um tempo jogando um game com o pessoal, mas antes fosse só para passar um tempo em diversão, Marco havia me convidado para ir à Câmara Municipal. Havia uma pressão de jovens contra um projeto de lei que dispunha da proibição do que chamaram de ‘festas clandestinas’ — o que seria um duro golpe a uma cultura de festas estudantis na cidade, mas tinha por finalidade ser muito mais opressora com as periferias em eventos como saraus, *slams* e bailes funk realizados na rua — a via pública. Facilitaria a repressão policial já tão injustificada contra direitos legítimos.

Pegamos cada um uma bicicleta e fui seguindo Marco. Eu, mal acostumado a andar de bike, parecia passar a mesma dificuldade que um *pursuit típico* de jogos como o clássico *Driver*, ou *Grand Theft Auto* — um *mission failed* pra cada vez que quase o perdi de vista. Mas deu tudo certo.

Lá, houve uma reunião com diversos coletivos como o “Liberdade e Luta”, “FAL”, “Não empata meu rolê”, “Juntos”, secundaristas, Instituto dos Advogados do Interior Paulista (IADVSP), a Juventude do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e juventude do PSOL, discutindo e elaborando as estratégias em busca de alguma forma de impedir a sanção da ‘lei antifestas’. Decidiram pela realização de um vídeo a ser transmitido nas redes sociais sobre uma audiência pública discutindo os trâmites do projeto de lei a ser realizada nos próximos dias²².

O PL202/2016 foi iniciativa de interesse vereador representante da causa LGBT, Marcos Antônio de Souza, ou Markinho da Diversidade, do PP, posteriormente cumprindo o papel de relator na comissão de cultura, esporte, lazer e turismo. A versão definitiva do PL recebe a autoria dos vereadores Moisés Rossi, do Partido da República (PR), e Paulo Eduardo de Souza, do Partido Socialista Brasileiro (PSB)²³.

O argumento de partida foi o falecimento do estudante Humberto Moura Fonseca em uma mal organizada festa interrepúblicas²⁴. O vereador Benedito Roberto Meira — ou coronel Meira, do PSB, fez defesa antecipada a favor do PL antes da audiência, e opinava: “Esse projeto é bem-vindo, e nasceu em razão da morte de um estudante de engenharia da Unesp há quase dois anos, por conta de consumo excessivo de bebida alcoólica. Na ocasião, outros jovens também foram internados. Isso chamou a atenção, e o Paulo Eduardo e o Moisés Rossi entenderam a necessidade de regulamentação. O projeto é este, se houver alguma mudança necessária podemos fazer”.

Mas havia acusações de interesse comercial de Markinho por ser proprietário da casa noturna LGBT Labitinthus, cuja sociedade envolve o professor do Unesp João Baptista de Mattos Winck Filho, e o presidente da Associação Bauru pela Diversidade (ABD), Luiz Ricardo Ferreira. O falado entre os estudantes era que a lei em teoria deslocaria o consumo de seu público-alvo das repúblicas para este empreendimento.

A lei foi aprovada no mês seguinte em sessão-relâmpago, com a Câmara Municipal fechada e com o máximo aparato militar em proteção desrespeitando completamente qualquer demanda advinda da audiência pública.

O PL, em resumo, é uma iniciativa de um lobby das casas noturnas locais (mais precisamente a Associação de Bares e Restaurantes do Centro-Oeste Paulista), feito falaciosamente para a garantia, segundo declarações de Markinho, do “sossego da vizinhança” e “proteção da juventude”²⁵. Indo além, o projeto é um marco de um sombrio processo crescente de militarismo em Bauru — que o diga é o que está por vir se nada mais for questionado.

Pedaladas depois, me despedi de Marco. Voltei pra casa exausto e com direito a uma cochilada no sofá do lado de fora de casa, já que estava sem as chaves de casa. Deixava de morar lá já fazia quase um ano.

No dia seguinte uma das primeiras coisas que fiz foi dar mais umas marteladas no quadro de volta à moldura, quase desmontando. Peguei a foto do Batata e coloquei num vitral translúcido, onde provavelmente no tempo dos Varallo (proprietários da casa) fora instalado um ar condicionado; pendurei o quadro sobre os pregos.

— Ficou bem enganchado! Acho que agora não cai.

Aproveitei e pendurei o terço num das quinas do quadro.

— Aí mandou muito, Ninjão! — era o BB chamando a atenção ao quadro de volta à parede.

O quadro na prática dava a impressão de susto, mas para mim sempre foi como um emblema.

¹ Paulo Alcides Franciscato, verbete presente no sítio do CPDOC-FGV.

² Nome da Polícia Militar antes de 1970, quando o Exército, durante o regime militar, impôs a fusão entre a antiga Força Pública e a então Guarda Civil do Estado.

³ Polícia Militar deve voltar a ser Força Pública em SP, notícia da Agência Estado, 3/Fev/2010

⁴ Conceito Doutrinário de Força Pública, artigo do delegado Carlos Alberto Marchi de Queiroz para o sítio da Associação de Delegados de Polícia do Estado de São Paulo (ADPESP).

⁵ Ratolândia, quadrinho virtual de Stuart McMillen, Mai/2013.

⁶ Excomungado superstar, reportagem de Laís Modelli para a seção ‘esquina’ da revista Piauí, edição 103, Abr/2015.

⁷ O que muda para empregados e patrões com a PEC das Domésticas, reportagem de Ana Carolina Moreno e Gabriela Gasparin para o portal G1, 26/mar/2013.

⁸ O que muda com a regulamentação da PEC das domésticas, reportagem de Mariana Desidério para o portal exame.abril.com.br, 2/jun/2015.

⁹ Erros e burocracia no e-Social dificultam benefícios para domésticos, reportagem do Jornal Nacional, edição do dia 15/mai/2017.

¹⁰ Independente FATEC-SP - educação, mídia e política.

¹¹ Qual a responsabilidade do Estado no massacre de presos em Manaus, reportagem de João Paulo Charleaux para a seção expresso do portal Nexo, 2/jan/2017, atualizada em 3/mar/2017.

¹² Entenda a crise no presídio de Alcaçuz, no Rio Grande do Norte, reportagem da redação, portal #Carta, 19/jan/2017.

¹³ 10 medidas para o sistema prisional, texto da ONG Conectas Direitos Humanos.

¹⁴ Acervo Memorial Universitário, perfil da rede social Flickr.

¹⁵ Inter 2017 é confirmado em Bauru pela página da Atlética Unesp, nota de Vinicius Fernandes para o portal Social Bauru, 23/jan/2017.

¹⁶ PEC 37 ganha as ruas, mas poucos sabem o que é, reportagem de Vasconcelo Quadro, do IG São Paulo, 23/jun/2013.

¹⁷ Considerações sobre o PIMESP e cotas nas universidades paulistas, artigo de Kabengele Munanga republicado no portal Geledés - Instituto da Mulher Negra, 15/mar/2013.

¹⁸ O que querem os alunos nas ocupações das escolas de São Paulo, reportagem de Ana Freitas para o portal Nexo, 23/Nov/2015

¹⁹ Deputados da CPI da Merenda devem ganhar prêmio de teatro, diz advogado, reportagem de Reynaldo Turollo Jr. para Folha Poder, 13/set/2016.

²⁰ Guerrilha que nasceu no estado de Chiapas, no sul do México. Seu nome é uma homenagem ao revolucionário Emiliano Zapata (1879-1919), que liderou uma luta pela reforma agrária no país no início do século 20. Os zapatistas ganharam fama internacional no dia 1º de janeiro de 1994, quando uma milícia com homens encapuzados — o Exército Zapatista de Libertação Nacional — ocupou as prefeituras de diversas cidades na região de Chiapas. Os zapatistas queriam chamar a atenção do mundo para as três principais reivindicações do movimento: 1. O fim da marginalização dos indígenas locais, descendentes dos maias; 2. A extinção do NAFTA, o tratado de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá, visto por eles como exemplo de submissão ao poder americano; 3. Combater a corrupção na política local.

²¹ Segundo Zygmunt Bauman, “A modernidade imediata é “líquida” e “veloz”, mais dinâmica que a modernidade “sólida” que suplantou. A passagem de uma a outra acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida seria “um mundo” “um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível”.

²² Câmara discute 'festas clandestinas', reportagem de Tiago Navarro para o Jornal da Cidade, 14/fev/2017.

²³ O que diz o projeto de lei que proíbe festas 'clandestinas', texto para o veículo 'Bauru Check' da rede social Medium, 14/fev/2017.

²⁴ Dia seguinte à morte de estudante é marcado por prisões, dor e revelações, reportagem de Marcele Tonelli, Tisa Moraes e Vinícius Lousada para o Jornal da cidade, 2/mar/2015.

²⁵ O Velho Oeste Paulista, reportagem para o portal El Coyote, 2/out/2017.

Siglas

AG - Administração Geral - Unesp Bauru.

AP - Ação Popular, organização política extraparlamentar formada nos anos 60 pela militância estudantil da JUC e de agremiações da Ação Católica Brasileira (ACB).

Alesp - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

ANEL - Assembleia Nacional dos Estudantes-Livre. Organização rompida com a UNE, com base política na juventude do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

APLO - Assessoria de Planejamento e Orçamento da Reitoria da Unesp. Entre outras atribuições, Assessora a Reitoria no planejamento, programação e desenvolvimento das atividades universitárias.

BAAE - Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão (antigamente chamada de PAE - Programa de Apoio ao Estudante). Dividida em 3 categorias: I (da PROEX para estudantes em condições de necessidades socioeconômicas); II (da PROEX para estudantes vinculados a projetos cadastrados e supervisionados por docentes); III (serviços nas áreas da informática e monitoria).

BATICUN - Batismo dos Calouros da Unesp (desde 1992).

BCC - Bacharelado em Ciências da Computação, uma sigla prática para esta graduação.

CAARTUN - Centro Acadêmico de Artes - FAAC/Unesp (da antiga licenciatura em Educação Artística, até 2015).

CAAV - Centro Acadêmico de Artes Visuais - FAAC/Unesp (a partir de 2017).

CABio - Centro Acadêmico de Biologia - FC/Unesp.

CACOFF - Centro Acadêmico de Comunicação Social “Florestan Fernandes” - FAAC/Unesp.

CADUnesp - Centro Acadêmico de Design - FAAC/Unesp.

CAEF - Centro Acadêmico de Educação Física - FC/Unesp.

CAELL - Centro Acadêmico de Estudos Literários e Linguísticos “Oswald de Andrade” - FFLCH/USP.

CAFCA - Centro Acadêmico “Flávio de Carvalho” - Arquitetura FAAC/Unesp

CAIC - Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, criados durante o governo Fernando Collor de Mello (1990-1992). Vale-se mencionar os CIEPS (Centros Integrados de Educação Pública) criados durante dos governos cariocas de Leonel Brizola (1983-1987/1991-1994) e a Escola Parque (ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro), criada nos anos 50 em Salvador. Ambos serviram de inspiração para o projeto federal.

CANN - Centro Acadêmico Nove de Novembro - FCE/Unesp.

CAPF - Centro Acadêmico ‘Paulo Freire’ de Pedagogia - FC/Unesp.

CAPSI - Centro Acadêmico de Psicologia - FC/Unesp.

CAQUI - Centro Acadêmico “Marie Curie” de Química - FC/Unesp.

CEEUB - Conselho das entidades Estudantis da Unesp Bauru (antes de 2012).

CEEU - Conselho de Entidades Estudantis da Unesp (após o CEEU de Assis realizado em 2013).

CEEUF - Conselho das Entidades Estudantis Unesp-FATEC (até o realizado em Assis, em 2013, onde a FATEC se dissociou e organizou o seu próprio DCE).

CEFAM - Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (1982-2005).

CEUB - Conselho dos Estudantes da Unesp Bauru (desde 2012).

CEETEPS - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (1969, posteriormente recebendo as abreviações de CEET, em 1971, e posteriormente, Centro Paula Souza, CPS), autarquia que administra as 220 ETEC e as 66 FATEC espalhadas por 300 municípios no Estado de SP.

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho, Decreto-Lei nº 5 452, de 1º de maio de 1943.

Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, primeira entidade sindical camponesa de caráter nacional, criada em 1963.

CPC - Centro Popular de cultura da UNE.

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito, que pode ser mista (CPMI) no âmbito federal, envolvendo Câmara e Senado.

CPPE - Comissão Permanente de Permanência Estudantil, instalada em favor da demanda do ME em decorrência da greve estudantil unespiana de 2013.

CPT - Comissão Pastoral da Terra, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criado em 1975. Originado das cartas pastorais (a exemplo D. Pedro Casaldáliga) denunciando a exploração da terra, do trabalho e espoliação indígena, objetiva “interligar, assessorar e dinamizar os que trabalham em favor dos homens sem terra e dos trabalhadores rurais, e estabelecer ligação com outros organismos afins.”

CUT - Central Única dos Trabalhadores, fundada em 28 de agosto de 1983.

DACEL - Diretório Acadêmico “César Lattes” - FC/Unesp.

DADICA - Diretório Acadêmico “Di Cavalcanti” - FAAC/Unesp.

DAFAE - Diretório Acadêmico da Faculdade de Engenharia - FEB/Unesp.

DARG - Departamento de Artes e Representação Gráfica da FAAC/Unesp.

DAUP - Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da FAAC/Unesp.

DCE-HR - Diretório Central dos Estudantes “Helenira Rezende” da Unesp.

DCHU - Departamento de Ciências Humanas da FAAC/Unesp.

DCSO - Departamento de Comunicação Social da FAAC/Unesp.

DD - Departamento de Design da FAAC/Unesp.

DEF - Departamento de Educação Física da FC/Unesp.

DOPS (ou DEOPS) - Departamento de Ordem Política e Social (1924-1983).

ECA - Escola de Comunicações e Artes da USP.

EFLCH - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP.

EIV - Estágio Interdisciplinar de Vivência em Áreas de Reforma Agrária e Atingidos/as por Barragens, ferramenta construída conjuntamente pelo movimento estudantil e movimentos sociais populares (especialmente MAB, MST e Levante Popular da Juventude), em que estudantes de diversas localidades do estado de São Paulo, do Brasil e até de outros países da América Latina se propõem a um exercício de formação e vivência nas comunidades de movimentos sociais do campo.

Encceja - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.

ENECOM - Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social.

ENECOS - Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

ESALQ - Escola Superior de Agronomia “Luiz de Queiroz” da USP.

ESPM - Escola superior de Propaganda e Marketing.

ETEC - Escola Técnica Estadual de São Paulo.

FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp Bauru.

FATEC - Faculdade de Tecnologia, uma das instituições do Centro Paula Souza.

FC - Faculdade de Ciências da Unesp Bauru.

FCA - Faculdade de Ciências Agronômicas da Unesp Botucatu.

FCHS - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp Franca.

FDUSP - Faculdade de Direito da USP, ou do Largo São Francisco; para os intimistas, SanFran.

FE - Faculdade de Engenharia da Unesp Bauru. Mais que uma coincidência com a antiga Fundação é comumente nomeada FEB, para diferenciação da sigla da engenharia de Bauru em relação aos campus Guaratinguetá (FEG) e Ilha Solteira (FEIS).

FEB - Fundação Educacional de Bauru (1966-1985).

FeNEA - Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

FLM - Frente de Luta por Moradia.

FOB - Faculdade de Odontologia de Bauru, campus da USP.

FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular.

GAC - Grupo Administrativo do Campus - AG/Unesp Bauru

IA - Instituto de Artes da Unesp, campus São Paulo/Barra Funda.

ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, autarquia federal criada em 1970 cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional, seguindo cinco diretrizes: democratização do acesso a terra, participação social, fiscalização da função social, qualificação de assentamentos e titulação dos territórios quilombolas.

IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, que compõe a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica, vinculada ao MEC. (Antigos CEFET e ETFSP)

ITE - Instituição Toledo de Ensino, IES privada vizinha à antiga FEB, fundada pelo professor Antônio Eufrásio de Toledo (1901-1978) em 1950 como escola técnica teve posteriormente a faculdade de direito criada em 1951.

IES - Instituição de Ensino Superior.

JUC - Juventude Universitária Católica

LAI - Lei de Acesso a Informação (Lei nº 12.527/2011), que, segundo o sítio do Governo Federal, “regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas”. Vigorando desde 16 de maio de 2012, “criou mecanismos que possibilitam, a qualquer pessoa, física ou jurídica, sem necessidade de apresentar motivo, o recebimento de informações públicas dos órgãos e entidades”.

LDB/71 - Refere-se a 2ª Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, sancionada durante a ditadura militar pelo presidente Emílio Garrastazu Médici).

LDB/96 - Refere-se a 3ª e atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso).

LIEU - Liga Interuniversitária de Esportes Universitários. Reúne representantes de 23 atléticas (todos os campi da Unesp, menos São Paulo).

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens, originado a partir da CPT do final dos anos 70 nos estados de SC e RS, na luta contra a desapropriação de terras a partir da construção de grandes empreendimentos infraestruturais, especialmente o caso das hidrelétricas.

ME - Movimento Estudantil.

MS - Movimento(s) Social (is).

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

MSTC - Movimento Sem Teto do Centro.

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

NeoCriativa - Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da FAAC/Unesp (desde 2010).

OEDH - Observatório de Educação em Direitos Humanos da Unesp

PEC - Proposta de Emenda Constitucional.

PET - Programa de Educação Tutorial, programa do Governo Federal de estímulo à graduação, extensão e pesquisa universitários no nível de graduação.

PICU - Projeto de Integração dos Calouros da Unesp (desde 1998).

PIMESP - Programa de Inclusão com Mérito no Ensino Superior Paulista, principal razão para a eclosão da greve estudantil da Unesp em 2013.

PJ - Pastoral da Juventude, organização de ação social da América Latina, surgida nos anos 80 com participação de estudantes e educadores — especialmente de ex-militantes da JEC —, com inspiração na Ação Católica Especializada, na Pedagogia do Oprimido e na Teologia da Libertação, dos anos 60. Constitui-se da juventude brasileira e estrangeira ligada à CNBB e a movimentos sociais.

PJR - Pastoral da Juventude Rural, ramo da PJ que atua com a juventude camponesa no Brasil.

ProUni - Programa universidade para todos.

PUC - Pontifícia Universidade Católica.

PUCCamp - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RU - Restaurante Universitário, também conhecido como Bandeirão, Bandeco, ou Bandex. Estrutura comumente aplicada em IES públicas, com alimentação subsidiada pelo orçamento da universidade para docentes, discentes e técnicos. A Administração Geral da Unesp Bauru recorre ao contrato de parceria público-privada, gerindo um serviço com modelo de austeridade, onde há um sistema de reservas.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

STAEPE - Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

UB - Universidade de Bauru (1985-1988).

UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (ensino fundamental, médio, profissionalizante e pré-vestibular).

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos.

UJS - União da Juventude Socialista, ou a juventude do Partido Comunista do Brasil.

Unifesp - Universidade Federal de São Paulo.

USP - Universidade de São Paulo.

UPES - União Paulista dos Estudantes Secundaristas.

Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Unicamp - Universidade Estadual de Campinas.

Vunesp - Fundação para o Vestibular da Unesp.



O CMI (Centro de Mídia Independente) produz, no Brasil, notícias contra hegemônicas desde fins de 2000, cobrindo uma manifestação do 'dia sem compras' em frente ao shopping cidade, em Belo Horizonte. Em um breve resumo: "É uma rede internacional de produtoras e produtores independentes de mídia,

pessoas preocupadas e comprometidas com a construção de uma sociedade livre, igualitária e que respeite o meio ambiente. (...) Odeia a mídia? Seja a mídia!". Diego Cruz, que foi do DADICA, reportou, em 2002, sobre o 'projeto de expansão de vagas' — projeto passível de equívocos e primórdio dos que viriam a ser os campi experimentais — e criticava as lideranças da UEE-SP, já há um bom tempo lideradas pela UJS, que por sua vez o defendiam. A UJS também criticava a desorganização do DCE-HR.



**DIRETÓRIO CENTRAL
DE ESTUDANTES
"HELENIRA RESENDE"
DA UNESP-FATEC**



O DCE-HR foi criado em 1983, marcando o contexto do fim da ditadura militar no Brasil com uma greve geral partida do campus de Assis, sempre foi espaço de disputa política intensa, mas olhando para a própria entidade em si, encontra-se num estado de contradição em uma condição de virtual

esquecimento de sua necessidade em prol do discurso ideológico, dependendo a muito tempo de chapas provisórias. Um caso exemplar conta que entre 1995 e 2001 chapas compostas principalmente pela UJS mantiveram gestões contínuas, mas após um período de inatividade da entidade, no ano de 2002 o mesmo grupo político impugnou a eleição de uma alternativa de representantes uma chapa provisória (PT — Articulação e O Trabalho — , PSTU, anarquistas, independentes, etc.) através da justiça. "O que ocorre é que o movimento estudantil não gira em torno da UJS, o movimento estudantil se dá de acordo com os interesses da maioria dos estudantes e a maioria dos estudantes precisa de um Diretório Central já!", dizia o texto de autoria da própria entidade máxima estudantil, que daquela época até então ainda procura, mesmo após fórmulas diversas de regimento e eleição, alguma solução para seu funcionamento em legalidade.

A Comissão Permanente de Permanência Estudantil (CPPE) foi criada em 15 de agosto de 2013, a despacho da reitora em exercício Marilza Vieira Cunha Rudge após a pressão estudantil gerada



unesp
COORDENADORIA
DE PERMANÊNCIA
ESTUDANTIL



com a rejeição ao PIMESP. Visa “consolidar política de direitos” e “tem por função elaborar, planejar, acompanhar e avaliar, em conjunto com a Coordenadoria de Permanência Estudantil (COPE)” — órgão criado na mesma época para a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) —, “políticas, programas, metas e ações que tenham por objetivo promover a igualdade de oportunidades aos estudantes que estejam em situação de vulnerabilidade socioeconômica, contribuindo para a redução de índices de retenção e evasão”. Até então a única ação que a UNESP havia construído com relação à inclusão foi a criação de cursinhos pré-vestibulares para alunos oriundos da escola pública (caso, em Bauru, do Principia (FAAC), Primeiro de Maio (FEB) e Ferradura (FC)).

A CPPE é paritária e tem, no corpo discente, cinco representantes junto com seus respectivos suplentes, sendo ao menos um vindo de um campus experimental. Lucas Rafael Gaviolla dos Santos vive na Moradia Estudantil e foi representante suplente pelo campus de Bauru eleito no CEEU do campus São Paulo, em 2016. “Acontece que as bolsas não são o único fator para a permanência estudantil. O RU é uma das coisas mais importantes, junto com a moradia estudantil pra cada campus. O que mais implica na CPPE fazer propostas para o RU e moradia seria o financeiro. Construir moradias e RU pede dinheiro dos órgãos que cuidam das obras e da APLO”.



A Unesp possui um anuário estatístico disponível na rede, com fins de divulgar a evolução do orçamento, da contratação de servidores (docentes e técnico-administrativos), do número de matrículas e de



formandos da graduação e pós-graduação, da distribuição das bolsas e até a distância entre os 24 campi. É um ótimo complemento para desenvolver argumentações sobre o que tem passado a instituição. Pautas como moradia, RU, bolsas, repasse do ICMS e salário dos servidores (repito: docentes e técnico-administrativos) merecem a análise e o debate qualificado. Agora, quem consegue impedir a sanha anti estadista dos governos paulistas, sem noção e vontade alguma de lidar com a rede de demandas de ordem horizontal, coletiva, e não hierárquica?





Em fevereiro de 2017 o estudante Arthur Castro, da USC, chegou a falar em entrevista para o portal da Jornal Jr. — empresa júnior de jornalismo da Unesp Bauru —, que o 'Não Empata Meu Rolê', Movimento criado contra o projeto de 'lei antifestas', que “Quando houve a repressão na república Risca-Faca, com a invasão e violência da polícia militar, a gente viu que aquele era o momento de puxar uma campanha mesmo, visto

que existe uma forte relação com a criminalização das festas e a atuação da polícia, tanto da parte do empresariado e de setores de repressão do Estado”. Mesmo depois da sanção da lei, dada como ditatorial, o Movimento continua se pautando sobre as últimas decisões de uma Câmara Municipal extremamente vinculada a interesses extremamente conservadores. A poucos dias do Interunesp de Bauru — o primeiro a ser realizado na cidade —, o coletivo publicou o texto ‘Há um problema com o Interunesp?’ tratando de separar o lazer do interesse financeiro articulado “entre o lobby empresarial e forças pró-militarização decidiram proibir as festas ditas ‘clandestinas’ na cidade”.

Na foto à direita, Marco Antônio posa em retrato como membro da chapa 'Sinergia' do CACOFF, em 2014. Abaixo, durante eixos de debates no CEEU de Rio Claro, realizado durante a greve geral de 2016.



Cartazes de papel craft são comumente utilizados nas manifestações, por ora são um recurso que descende da arte da Agitação e Propaganda (AgitProp), que tem origem na corrente marxista-leninista. De cima para baixo, Marco, entre tantos, atua, em 2016, com cartazes "não vai ter golpe" em São Paulo, no Largo da Batata; em um ato 'Fora Temer' em Brasília; e na solenidade fotográfica com formandas e formandos de sua turma da graduação em Relações Públicas.

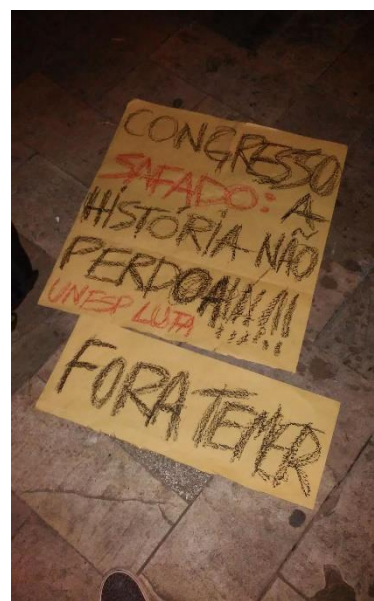




Foto em grupo em evento de construção do encontro regional de estudantes de relações públicas (ERERP) realizado em Bauru, 2016. Marco é o primeiro, ajoelhado, da direita para a esquerda.

Abaixo, neste mesmo evento, Marco (na mesa, à esquerda) faz mediação em debate sobre mídia e regulamentação com os então graduandos em Jornalismo Keytyane Medeiros (centro) e Solon Neto (direita).





Membros da Chapa 'Sinergia', de 2014. Da esquerda para a Direita: Cristhiane Faria (RP), Bruno Khul (RTV) Augusto Biason (Jornalismo) Marina Franco (Sofis, RTV), Ariadne Mussato (RP, mudou para Jornal posteriormente), Lucas Mendes (Jornalismo), Thamires Motta (Jornalismo) Marco Antônio Matrone (RP), Tales Marques (RP) Lucas Zanetti (Pornô, Jornalismo), Vitor 'El Hombre' Gonçalves (RTV). Vale menção honrosa ao não presente Luiz Moraes (RTV).



Foto da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI-FAAC) de Marco discursando durante assembleia de Relações Públicas, em 2014.



Na foto acima, palco do bosque sendo preparado para show da Banda 'The Trips', que fazia o melhor do rock psicodélico dos anos 60, no Cacoffonia 2015, realizado no meio deste ano devido a alterações no calendários com as greves de 2013 e 2014. Abaixo, Marco (de cabelo curto, voltado para os demais) participa da realização de roda de debate com calouros de RP sobre cultura do álcool, em função com incidente da competição 'interreps' que resultou no falecimento do Estudante de Engenharia Elétrica Humberto Moura Fonseca (o Lombada). Este caso serviu de subterfúgio para a aplicação da 'Lei antifestas' em Bauru, dois anos depois.





Em 2017, Marco carrega craft em ato contra 0% de reajuste aos servidores (docentes e técnico-administrativos) e por mais vagas na moradia. Lorenzo Santiago (Jornalismo), da Chapa 'Voz por Vós', aparece no fundo, sendo o segundo da esquerda para a direita.